

**MICHELE FERREIRA DA SILVA**

**TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS DO  
CURSO DE HISTÓRIA: CATALÃO DE 1991 A 2004**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
2015

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**     **Dissertação**     **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

|  |   |                              |       |
|--|---|------------------------------|-------|
| Autor (a):                                     | Michele Ferreira da Silva   |                              |       |
| E-mail:  | michele.ferreiradasilva@yahoo.com.br  |                              |       |
| Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? | <input checked="" type="checkbox"/> Sim   | <input type="checkbox"/> Não |       |
| Vínculo empregatício do autor                  |   |                              |       |
| Agência de fomento: CAPES                      |   | Sigla:                       | CAPES |
| País:  | Brasil  | UF:GO                        | CNPJ: |
| Título:  | Trajetórias formativas de professores e alunos do curso de História: Catalão de 1991 a 2004 |                              |       |
| Palavras-chave:                                | Formação- Professores- Curso de História  |                              |       |
| Título em outra língua:                        |   |                              |       |
| Palavras-chave em outra língua:                |   |                              |       |
| Área de concentração:                          | EDUCAÇÃO  |                              |       |
| Data defesa: (06/03/2015)                      |   |                              |       |
| Programa de Pós-Graduação:                     | Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG-Regional Catalão                               |                              |       |
| Orientador (a):                                | Professor Dr. Wolney Honório Filho  |                              |       |
| E-mail:  | whonoriof@gmail.com   |                              |       |
| Co-orientador (a):*                            |   |                              |       |
| E-mail:  |   |                              |       |

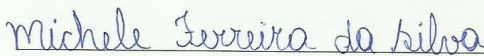
\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.


  
 Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

**MICHELE FERREIRA DA SILVA**

**TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS DO CURSO DE  
HISTÓRIA: CATALÃO DE 1991 A 2004**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

Linha de Pesquisa: História e Culturas Educacionais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Silva, Michele Ferreira da  
Trajetórias formativas de professores e alunos do curso de História:  
Catalão de 1991 a 2004 [manuscrito] / Michele Ferreira da Silva. -  
2015.  
83 f.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Regional  
Catalão, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão,  
2015.  
Bibliografia. Anexos.

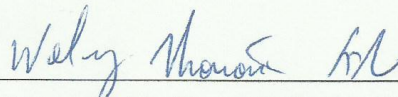
1. Formação. 2. Professores. 3. Curso de História. I. Filho, Wolney  
Honório, orient. II. Título.

MICHELE FERREIRA DA SILVA

**TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS DO CURSO  
DE HISTÓRIA: CATALÃO DE 1991 A 2004**

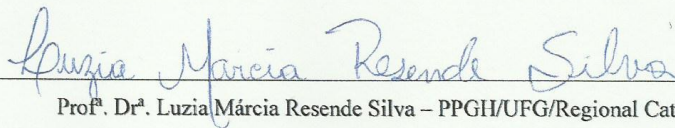
Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Defendida e aprovada em 06/03/2015.

BANCA EXAMINADORA



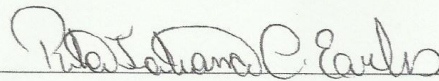
---

Prof. Dr. Wolney Honório Filho – PPGEDUC/UFG/Regional Catalão, Orientador  
Presidente da Banca



---

Prof.ª Dr.ª Luzia Márcia Resende Silva – PPGH/UFG/Regional Catalão



---

Prof.ª Dr.ª Rita Tatiana Cardoso Erbs – PUCRS

Dedico este trabalho a Deus, nosso criador, que nos ama tanto e aos meus Tesouros Preciosos que Deus me deu: o meu pai Divino, a minha mãe Coraci e o meu irmão Eduardo, que em todos os dias de minha vida me apoiam com muito amor e carinho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha vida e força para enfrentar os percalços da história pessoal e profissional que tenho construído.

Agradeço também ao meu pai Divino e a minha mãe Coraci que são, para mim, os melhores pais do mundo. Ensinaram-me desde pequena o valor do amor, da vida, da honestidade, da verdade e da educação, e sempre me apoiaram nos meus estudos, encorajando-me em cada momento de minha vida. E agradeço ao meu irmão Eduardo, que com o seu amor e carinho, sempre me apoiou e me alegrou. Obrigada minha família, meu presente maravilhoso de Deus, que eu amo muito do fundo do meu coração e que tenho muito orgulho de fazer parte.

Agradeço a minha cunhada Juliana, por todo amor, carinho e afeto, inclusive no momento da pesquisa, com seu apoio e incentivo.

Agradeço ao meu orientador, professor Wolney Honório Filho, pela dedicação, ajuda, respeito e paciência em cada momento da pesquisa. Um professor/pesquisador bondoso, íntegro, paciente e verdadeiro, de quem eu levarei os ensinamentos e conselhos para toda minha vida. Obrigada por tudo Professor Wolney, nunca vou te esquecer.

Agradeço às professoras Luzia Márcia Resende Silva e Rita Tatiana Cardoso Erbs pela participação na banca examinadora deste trabalho e que muito contribuíram com suas reflexões e sugestões, não só para a pesquisa, mas também para o meu crescimento como um todo, enquanto pessoa, aluna e pesquisadora.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG Catalão, em especial aos professores da linha Histórias e Culturas Educacionais: Ana Maria Gonçalves, Aparecida Maria de Almeida Barros e Sérgio Pereira da Silva.

Agradeço a todos os meus colegas de Mestrado, pelo carinho, respeito, momentos alegres, amizade. Em especial, à Patrícia Maria Machado Silva por todo carinho, amizade e ajuda; à Mara Rúbia e ao Rubislei pela alegria, ajuda, amizade e companheirismo na pesquisa; à Cibele e ao Ricardo pelos momentos de alegria. Também à Tamiris, pela sua amizade, dicas e apoio durante todo o Mestrado.

Agradeço aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG Catalão, Renata e Roberto, pela dedicação e respeito em todo o tempo do mestrado.

Agradeço ao Professor Luiz Carlos do Carmo do Departamento de História, por ter me cedido a sua turma para desenvolver o meu Estágio Docência e pelas dicas acadêmicas, conselhos e pelo apoio em todo o momento de Estágio.

Agradeço às professoras entrevistadas por toda a ajuda, confiança e disponibilidade que me confiaram para a realização deste trabalho. E também aos professores do curso de História pelas entrevistas cedidas, apoio e disponibilidade.

Agradeço à CAPES pela bolsa cedida, que muito contribuiu para a realização do meu Mestrado e da pesquisa.

Enfim, agradeço a todas as pessoas amigas que fazem parte da minha vida, que sempre me apoiaram, me ajudaram e torcem por mim. O meu muito obrigado! Que Deus os abençoe muito.

Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei[...] Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo.

Paulo Freire

## RESUMO

Este texto tem como temática a formação de ex-alunos e professores-formadores do curso de História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, de 1991 a 2004. A questão central foi: Como se deu o processo de formação de professores-formadores e ex-alunos do curso de História da UFG, Regional Catalão? O recorte temporal de 1991 a 2004 se deve ao fato dele ser a primeira estrutura formativa do curso, sendo um momento de consolidação e crescimento do mesmo. O objetivo foi analisar o processo de formação de ex-alunos e professores do curso de História de 1991 a 2004. Para tanto, foram usadas reflexões teóricas de autores como Nóvoa, Bragança, Pineau. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas na UFG Catalão entre janeiro e abril de 2014. Além das entrevistas, foi solicitada às alunas egressas uma narrativa escrita de sua formação. Utilizamos, portanto, como estratégia metodológica as histórias de vida. Os resultados alcançados nos dizem que a formação essencial do sujeito se dá ao longo da vida. A formação superior é parte de um processo de escolarização importante, e se conecta com suas experiências de vida, vivenciadas na família, com amigos, na escolarização fundamental e média.

Palavras-Chaves: Formação – Professores – Curso de História.

## ABSTRACT

This paper has as a thematic, the formation of former students and course of the advisor professors of History at Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão from 1991 to 2004. The main question was: How did the process of formation of advisor professor and former students of the History course at UFG Regional Catalão? The time frame from 1991 to 2004 is due to the fact that he was the first formation course structure, with a time of consolidation and growth of it. The objective was to analyze the process of former students and professors of training of the History course in 1991 to 2004. Therefore, theoretical reflections were used by authors such as Nóvoa, Bragança, Pineau. Data collection was performed through semi-structured interviews conducted at UFG Catalão between January and April 2014. Besides the interviews, students discharged were requested to write a narrative about their training. We used therefore as methodological strategy the life stories. The reached results tell us that the essential subject formation occurs over a lifetime. College degrees is an important part of schooling process, and connects with their life experiences, experienced in the family, with friends, in the elementary school and the high school.

Keywords: Formation - Teaching – History Course

## **LISTA DE SIGLAS**

- UFG - Universidade Federal de Goiás
- CAC - Campus Avançado de Catalão
- UFU - Universidade Federal de Uberlândia
- UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 12 |
| Metodologia .....   | 15 |
| CAPÍTULO I – SOBRE A FORMAÇÃO: PROCESSO AO LONGO DA VIDA ..   | 22 |
| CAPÍTULO II – DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....  | 36 |
| Sílvia .....  | 38 |
| Isabela .....   | 41 |
| Lia .....   | 43 |
| Professora-formadora Luana .....  | 46 |
| Professora-formadora Renata .....   | 48 |
| Professor-formador Israel .....   | 51 |
| Professora-formadora Elisa .....  | 52 |
| Cruzando histórias .....  | 54 |
| CAPÍTULO III – CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS<br>SUJEITOS DA PESQUISA .....                                  | 58 |
| Escolarização, ensino superior e formação .....   | 60 |
| O curso de História da UFG/RC e o ensino superior brasileiro .....  | 61 |
| O curso de História em Catalão .....  | 63 |
| A formação em História sob a perspectiva de ex-alunos e professores do curso de História<br>da UFG/RC 1991 a 2004 ..... | 66 |
| Sílvia .....  | 66 |
| Isabela .....   | 67 |
| Lia .....   | 69 |
| Professora-formadora Luana .....  | 70 |
| Professora-formadora Renata .....   | 71 |
| Professor-formador Israel .....   | 72 |
| Professora-formadora Elisa .....  | 73 |
| ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....   | 76 |
| REFERÊNCIAS .....   | 80 |
| ANEXOS .....  | 84 |

## INTRODUÇÃO

A formação de ex-alunos e professores do curso de História da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão<sup>1</sup> (UFG-RC), de 1991 a 2004, é o tema de minha pesquisa dissertativa. O tema surgiu a partir de reflexões sobre minha trajetória estudantil, enquanto egressa do referido curso, e dos significados que essa formação superior teve em minha história de vida.

Eu comecei a estudar com seis anos de idade, em 1994, em uma escola municipal em Catalão - GO. Meus pais sempre orientavam meu irmão e eu a estudarmos com responsabilidade e dedicação, e assim o fizemos. Com essas orientações recebidas e com o meu gosto pelos estudos, sempre me esforcei para ser uma boa aluna e aprender cada vez mais. O meu gosto pela escola era tanto que uma das minhas brincadeiras preferidas, além da boneca, era a escolinha. Meus pais, ao observarem esse meu gosto e responsabilidade pelos estudos e que eu realmente gostava de brincar de escolinha, passaram a me dizer, em tom de brincadeira, que eu acabaria sendo professora. Eles não diziam que eu tinha que ser professora, de forma imperativa, mas acredito que, como grande parte dos pais em relação a seus filhos, eles tentavam opinar/sugerir caminhos para a minha trajetória formativa.

A minha escolarização básica foi toda feita em escola pública, sem reprovação. Cursei o ensino fundamental no Colégio Instituto de Educação Matilde Margon Vaz e o ensino médio no Colégio Estadual Dona Iayá, ambos situados no município de Catalão – GO.

No ensino médio comecei a ajudar minhas colegas nos momentos das provas, explicando-lhes, os conteúdos que iriam ser cobrados. E essa ajuda me fez refletir, ali, naquele momento, se realmente eu queria ser professora, pois explicar um conteúdo e ver a satisfação de quem estava aprendendo era algo que me fazia feliz. Então, decidi que iria ser professora.

E o curso que eu escolhi foi História. A escolha pela História está relacionada ao meu gosto pela disciplina desde a 5ª série. E esse gosto surgiu no meu contexto familiar e com os amigos. Em minha família todos gostam de contar e ouvir histórias. Gostam de contar fatos passados e comentar sobre o presente. E meus amigos também. Em festas e ocasiões de lazer sempre havia momentos de contar casos e histórias. E quando os meus familiares e amigos se uniam contavam histórias com muita alegria.

---

<sup>1</sup> O Campus em Catalão, da Universidade Federal de Goiás, de 1986, ano da instalação dos primeiros cursos, até o final de 2013, denominava-se Universidade Federal de Goiás- Campus Catalão. A partir de 2014, com a aprovação do novo estatuto da UFG, passou a se denominar: Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão.

Além disso, o tempo sempre foi um assunto presente nesses casos que meus familiares e amigos contavam: o tempo que se passou, as aventuras da juventude que foram vividas, ou mesmo o tempo presente de mudanças tecnológicas. E eu observava tudo isso com muita atenção. Mas, gostava de ouvir e depois contar as histórias narradas pela minha família e amigos.

Nesse contexto, algo muito presente é a memória. Todos os presentes recebidos de amigos são guardados com carinho em minha casa, tornando-se objetos de memória das pessoas que para nós são tão queridas.

A História, então, fez parte da minha vida, do meu convívio familiar e com os amigos. Através da reflexão sobre o tempo e a memória, da narrativa, do exercício de pensar o passado, mesmo de maneira informal.

Quando comecei a estudar História na 5ª série logo gostei da disciplina, pois me identifiquei com o estudo dos fatos passados e da memória das pessoas, com a reflexão acerca do tempo passado e do tempo presente. Esse gosto pela História perdurou até o ensino médio, em que obtive boas notas. E, no momento do vestibular, optei pelo curso de História. Fiz o vestibular em 2005 na UFG - Regional Catalão e fui aprovada, iniciando o curso em 2006.

No curso, aprendi a fazer provas e trabalhos avaliativos, o valor dos bons amigos, a estudar, enfim. Aprendi que ser professor é também ser sensível ao outro, escutá-lo e compreendê-lo.

Em relação às concepções teóricas, tive professores que possuíam uma perspectiva mais voltada para a História Cultural e professores com uma perspectiva mais social com uma tendência marxista. Nunca vi nisso um problema, mas formas diferentes de pensar a realidade.

No momento do estágio supervisionado, as discussões sobre a docência em História me propiciaram reflexões sobre o trabalho docente, o qual ensina e orienta alunos a adquirirem uma consciência histórica que os instrumentalize para o exercício da democracia e da cidadania.

O curso de História da UFG-RC foi criado em 1991 em regime anual, permanecendo até 2004, como uma extensão do curso de História ofertado pela UFG em Goiânia<sup>2</sup>. A partir de 2004, este passou a ser semestral, com uma nova proposta pedagógica feita pelos próprios professores de Catalão. Esse período de 1991 a 2004 se constituiu como a primeira estrutura

---

<sup>2</sup> Em Silva (2009) temos uma boa análise sobre a criação do Câmpus Catalão, da Universidade Federal de Goiás. Ressalta-se aqui a precarização do funcionamento deste Câmpus, criado em 1986, tanto do ponto de vista de pessoal quanto de infraestrutura. Até 2002, por exemplo, todos os professores concursados pela UFG eram contratados pela Prefeitura Municipal de Catalão, pois, naquele período, o governo federal não abria cota de vagas para contratação de professores nas universidades públicas federais.

formativa do curso de História. Foi o momento de seu crescimento, busca por autonomia e consolidação formativa.

Todos esses ingredientes me trouxeram a vontade de compreender a formação das pessoas, professores e alunos, que passaram pelo mesmo curso que eu. Mesmo que em condições diferenciadas, seja como professor ou aluno, ou em momentos diferentes, do ponto de vista histórico do curso, pois esse período de formação superior em História significou muito para mim, enquanto pessoa e aluna, e me auxiliou na busca por novas aprendizagens.

A História nos auxilia a compreender melhor a sociedade e seus desafios. Porém, questiono: isso depende da dedicação do aluno? Do professor? Da formação experimentada? Ou da formação ao longo da vida?

Dessa forma, a autorreflexão acerca de minha formação superior me fez pensar sobre a formação de meus professores e colegas que se formaram de 1991 a 2004. Ou seja, como eles se formaram? Quais são os significados que eles estabelecem sobre o seu processo de formação na primeira estrutura formativa do curso de História da UFG, Regional Catalão?

Essas indagações me fizeram chegar à temática do processo de formação de professores e ex-alunos do curso de História da UFG, Regional Catalão, de 1991 a 2004. Assim, o meu objeto de pesquisa é analisar o processo de formação de professores e ex-alunos do curso de História da UFG, Regional Catalão, de 1991 a 2004.

De acordo com Fernández (2007, p. 100):

Se entiende por objeto de investigación todo sistema del mundo natural o material o de la sociedad cuya estructura presenta al ser humano una necesidad por comprender, explicar, interpretar o transformar, es decir, un tema o problema de investigación.

Conforme a autor, o objeto de uma pesquisa está relacionado a uma necessidade do pesquisador de compreender um determinado tema. Desta feita, o que procuro aqui é o entendimento sobre a formação de professores, sejam eles docentes do curso de História da UFG-RC, ou egressos do mesmo.

Como problemática da pesquisa, defini: Como se deu o processo de formação de professores e ex-alunos do curso de História da UFG, Regional Catalão, de 1991 a 2004? A partir desta problemática, estabeleci como objetivo geral: Analisar o processo de formação de professores e alunos do curso de História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, de 1991 a 2004.

Como objetivos específicos elenquei:

- Refletir sobre o processo de formação;
- Apresentar os sujeitos narradores e suas biografias educativas;
- Compreender a concepção de formação na perspectiva dos sujeitos da pesquisa.

## Metodologia

Utilizei as Histórias de Vida, por meio das biografias educativas, como metodologia nesta pesquisa. Realizei entrevistas semiestruturadas e recolhi narrativas escritas para a coleta de dados com quatro docentes do curso de História da UFG-RC e três professoras egressas do curso. De acordo com Pineau (2006, p. 341. Destaques do autor):

As Histórias de vida - Entrelaçadas a essas correntes do biográfico, autobiográficas e relatos de vida, nós assistimos à eclosão e ao desenvolvimento da corrente que se intitula *história de vida* para significar, primeiramente, o objetivo perseguido de construção de sentido temporal sem prejudicar os meios.

Por meio das histórias de vida, podemos compreender os significados dos sentidos temporais que o sujeito estabelece acerca das suas vivências, da sua formação e de como chegou a ser quem é. Com as histórias de vida, o indivíduo pode também se centrar e (re) ver suas práticas, o que foi importante em todo o tempo que viveu e como isso reflete em seu presente, em sua identidade pessoal e profissional. Com elas, o pesquisador poderá compreender melhor como o indivíduo fala e estabelece os sentidos de sua formação, daquilo que foi importante para ele e como ele cruza esses sentidos de vivências passadas com o seu presente e o que espera para seu futuro. Soares (1991, p. 37. Destaques da autora), em seu memorial, afirma: “procuro-me no passado e *outrem me vejo*; não encontro *a que fui*, encontro alguém que *a que sou* vai reconstruindo, com a marca do presente.” O sujeito que narra não se vê como aquele que é objeto de sua própria narrativa. Ele mudou ao longo da vida.

As histórias de vida nos auxiliam na compreensão dos sentidos que os sujeitos da pesquisa estabelecem a respeito de sua formação. No caso, os sentidos que os professores e ex-alunos estabelecem sobre seu processo de formação.

Segundo Souza:

A utilização do termo História de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como

pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. (SOUZA, 2006, p. 27).

As histórias de vida podem auxiliar o indivíduo a se conhecer melhor, a entender quais foram as experiências formativas gestadas ao longo de sua vida e os significados que ele estabelece para tais experiências. Nas histórias de vida o sujeito está no centro das discussões, bem como toda a sua subjetividade. Ele narra o que foi importante em sua formação, ou seja, ele pode olhar para si e se conhecer melhor. E essa tarefa poderá auxiliá-lo a entender melhor os sentidos temporais em seu presente, seu passado e suas perspectivas futuras.

Bragança esclarece que:

A narração das histórias de vida vem como movimento propriamente humano de contar histórias e ressignificar experiências do passado que vão se desdobrando em projetos de futuro. No caso da formação docente, ao narrar o passado, vemos surgir uma versão sobre nós mesmos, os encontros e desencontros com a profissão e, ainda, as imagens da docência entranhadas no imaginário coletivo e individual. (BRAGANÇA, 2012, p. 93).

Em relação ao ofício docente, as histórias de vida podem nos oferecer dados sobre como os professores chegaram a essa profissão, suas alegrias e dissabores no exercício cotidiano da mesma.

Tendo o suporte das histórias de vida o professor pode se centrar e tecer um novo olhar sobre si mesmo, além de analisar o que foi importante em sua vida, suas experiências enquanto sujeito aprendente e como estas experiências influenciam no seu dia a dia profissional.

A autora ainda segue afirmando que:

A incorporação das histórias de vida como caminho metodológico coloca o desafio de trabalhar fora do quadro lógico-formal, positivista, reenviando o olhar para uma perspectiva aberta e a incorporação da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do saber neste campo de conhecimento. [...] pois trabalhar com as histórias de vida traz o desafio de ultrapassar a linearidade paralisante do paradigma simplificador, e coloca-nos na intensidade de reflexões que cruzam passado, presente e futuro. (BRAGANÇA, 2009, p. 40).

O trabalho com as histórias de vida traz a subjetividade do sujeito para o centro da produção de conhecimento. Ou seja, por meio da subjetividade do sujeito o pesquisador poderá produzir conhecimento acerca do que o indivíduo expõe como importante em sua

formação, de como chegou a ser o que é e de suas aprendizagens ao longo da vida, que são constituintes de sua identidade.

Além disso, no que tange ao professor, através das histórias de vida, ele poderá relacionar em seu passado as vivências que o conduziram para a docência, o seu presente na sala de aula e o futuro que espera enquanto agente da educação. Desta feita, nas histórias de vida, o passado, o presente e o futuro do professor são entrelaçados, de modo que ele possa se conhecer melhor e ter mais entendimento sobre quem ele é e como chegou a ser o que é. Há uma interferência do presente no passado, como nos chama a atenção Magda Soares (1991), fazendo uma analogia com a própria ciência histórica. Mas, também há interferência do passado no presente, quando abrimos nossas memórias às narrativas, tirando dali vivências esquecidas ou não, que modificam nossa forma de pensar a própria forma de pensar o passado.

Sobre isso, Nascimento (2011) salienta que:

Como metodologia de investigação, as Histórias de vida compreendem o mundo dos sujeitos, que informam, mas são também investigadores de sua própria trajetória, quando interpretam e analisam os fatos, ações e vivências de suas vidas. As sucessivas reflexões que acontecem durante a narrativa oferecem condições para se construir e compreender o todo de uma história de vida. (NASCIMENTO, 2011, p.72).

As histórias de vida permitem ao sujeito examinar suas vivências. Ele não só narra a sua vida, mas avalia aquilo que foi importante nela. Portanto, elas permitem ao sujeito não apenas a fala, mas uma avaliação de si, de sua história.

Para o pesquisador, no campo da educação, de acordo com Dominicé (2010, p. 201): “A história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como espaço da educação.”

Cada ambiente e época em que o sujeito estabelece interações podem ser considerados um espaço de formação, pois ele pode aprender coisas novas e ter novas experiências formativas. Desse modo, as histórias de vida podem auxiliar na compreensão da educação, tendo como referência, a vida do sujeito em suas vivências educacionais e formativas.

E, nesse contexto, Souza e Almeida (2013, p. 41) afirmam que: “as histórias de vida e de formação podem cumprir papel fundamental para o preenchimento das lacunas ainda

existentes na historiografia da educação e, dessa forma, contribuir, significativamente, para o campo de formação de professores [...]”.

Por meio das narrativas de formação do sujeito, o pesquisador poderá ter mais informações sobre os projetos formativos presentes em nossa sociedade.

Ao utilizar as histórias de vida, busco as biografias educativas, nas entrevistas semiestruturadas e narrativas escritas coletadas. Segundo Bragança (2012, p. 117):

A biografia educativa não coloca, portanto, ênfase no resultado material do processo, ou seja, no texto escrito, mas no movimento reflexivo, que toma como referência a centralidade temporal, potencializadora do presente e do futuro. Assim, a biografia educativa transforma a lembrança em formação.

A biografia educativa é uma narrativa com vistas a esclarecer acerca da formação do sujeito narrador. Segundo Dominicé (2010, p. 222), “A biografia educativa seria então decerto um instrumento de formação, depois de ter sido considerada prioritariamente de investigação”. Nesse sentido, a biografia educativa, por oferecer oportunidade ao sujeito de se rever, de entender a sua trajetória formativa, pode ser considerada um objeto de formação e não somente de investigação<sup>3</sup>.

O autor ainda esclarece que: “o processo de formação está marcado por uma série de processos mais específicos que as biografias educativas nos permitirão enumerar” (DOMINICÉ, 2010, p. 147).

O uso das entrevistas semiestruturadas se mostrou pertinente para a pesquisa, por se tratar de um tipo de entrevista em que as perguntas são flexíveis, podendo ser formuladas e reformuladas. Além disso, o entrevistado tem a liberdade de oferecer mais informações do que foi solicitado.

De acordo com Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 168), nas entrevistas semiestruturadas “também chamadas focalizadas, o entrevistador faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos”. Desse modo, as entrevistas semiestruturadas propiciam ao entrevistado mais liberdade de responder de acordo com suas perspectivas. Não é um tipo de entrevista rígida e homogênea, mas uma entrevista que permite flexibilidade, sem deixar de lado o tema da entrevista.

Segundo Bogdan e Biklen (1999, p. 135. Destaque dos autores), “nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários *sujeitos*

---

<sup>3</sup> Em nosso caso, não trataremos da dimensão formativa propriamente dita das biografias educativas para o sujeito narrador. Apenas na qualidade de dado de pesquisa, como objeto de investigação.

[...]”. O uso das entrevistas semiestruturadas, como os autores nos ajudam a compreender, pode permitir que os dados obtidos entre os sujeitos entrevistados sejam comparados e, com isso, sejam feitas as devidas reflexões por parte do pesquisador.

Já o uso das narrativas escritas se deve ao fato de que as mesmas também nos oferecem mais informações sobre a formação dos sujeitos da pesquisa. No exercício da escrita, o sujeito poderá se lembrar de fatos formativos que considera importante, o que poderá contribuir para a obtenção de mais dados para a pesquisa.

Definidas essas questões, o passo posterior, foi encontrar os sujeitos da pesquisa, professores e ex-alunos do curso de História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Os critérios para a escolha desses sujeitos foram os seguintes: ex-alunos que se formaram no curso de 1991 a 2004 e que começaram a dar aulas depois da formação no curso de História e professores que iniciaram a docência no curso de 1991 a 2004.

O curso de História é um ponto de convergência de sujeitos, com papéis sociais diferentes, mas também de divergência, entendendo isso tanto no sentido de que as pessoas pensam de modo diferente, pois elas tiveram experiências formativas diferentes, quanto no sentido de que, quando se formam, os alunos vão embora. Porém, os professores ficam. Por ter sido aluna do curso imaginava os significados que a formação em História teve na vida dos ex-alunos que realizaram o curso em sua primeira estrutura formativa, bem como de seus professores.

Assim, percorrendo todas as escolas das redes estadual, municipal e particular, foram encontradas três ex-alunas, hoje, professoras, que se enquadravam dentro dos critérios. Elas se formaram no curso de História entre os anos de 1991 a 2004 e iniciaram a docência depois de sua formação no referido curso.<sup>4</sup>

Sobre os professores de História, encontramos alguns que começaram a trabalhar no curso a partir de 1993. Eles acompanharam a consolidação do curso de História.

O convite a eles para participarem da pesquisa foi feito de maneira pessoal e por e-mail. O convite para as ex-alunas foi feito pessoalmente. Eu estive nas escolas que elas trabalhavam, expliquei acerca da pesquisa e elas aceitaram de bom grado. E, com isso, trocamos telefone para conversarmos posteriormente sobre o agendamento das entrevistas.

Em seguida ao convite, antes das entrevistas, foi solicitado às egressas que fizessem uma narrativa escrita, com o objetivo de escreverem elementos que foram importantes para a

---

<sup>4</sup>Outro critério que considerei importante, pois não tendo ainda dado aula, supus que o egresso levasse para a sala de aula a formação científica oferecida no Curso de História, sem a relação explícita com a experiência prática. Ou seja, queria o egresso que ainda não tinha dado aula, apenas estudado.

formação delas<sup>5</sup>. Essas narrativas, além de documentos para a pesquisa, auxiliaram na preparação das entrevistas. Todas as três fizeram essa narrativa e me entregaram via e-mail e pessoalmente.

Já os professores do curso foram convidados por e-mail, pelo meu orientador, professor Dr. Wolney Honório Filho, pelo fato de haver um contato maior entre ele e os professores e por serem colegas de trabalho.

Dessa forma, os sujeitos da pesquisa ficaram assim constituídos: as ex-alunas Sílvia, Isabela e Lia e os professores formadores Luana, Renata, Israel e Elisa<sup>6</sup>. Todos eles foram bastante atenciosos à solicitação de participação na pesquisa.

Foi elaborado um roteiro (em anexo) para realização das entrevistas semiestruturadas. As perguntas, de um modo geral, consistiam em: onde eles nasceram, as primeiras experiências escolares, trabalho, família, o motivo de ter feito o curso de História, o trabalho no curso de História da UFG, Regional Catalão entre os anos de 1991 a 2004, o que eles consideram como importante para sua formação, dentre outras.

Feito o roteiro, agendei as entrevistas e elas aconteceram entre os meses de janeiro a abril de 2014, nas dependências da UFG, Regional Catalão, nos períodos matutino e vespertino. Elas foram realizadas pelo orientador, professor Dr. Wolney Honório Filho. Apenas uma entrevista foi realizada na casa de uma das ex-alunas por mim, pois ela não estava bem de saúde e não pôde ir para a UFG-RC. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

Todas as entrevistas transcorreram em um clima agradável e acolhedor. Os sujeitos da pesquisa estavam confortáveis em explicar sobre sua vida, suas trajetórias formativas e anseios futuros em relação a sua vida e profissão.

Pelos dados obtidos, os narradores são do interior de Goiás e Minas Gerais. Alguns deles viveram a infância na zona rural. Todos pertencem a famílias que prezam pelos estudos, em que a figura dos pais ora é rígida em relação à disciplina escolar, ora é incentivadora, quando colocam o(a) filho(a) para estudar nas melhores escolas de Catalão. E eles dizem que tiveram uma infância repleta de boas e divertidas brincadeiras.

---

<sup>5</sup> Esse procedimento se restringiu apenas aos egressos. Não o fizemos com os professores do Curso porque quando decidimos por entrevistá-los foi com o objetivo de buscar informações sobre o histórico do curso e a ideia era fazer breves entrevistas para preenchermos lacunas nos dados que tínhamos sobre o mesmo. Porém, quando a pesquisa mudou de foco, após o exame de qualificação, para a compreensão sobre a formação que todos tiveram ao longo da vida e, em especial, no curso de História, já as havíamos feito e decidimos, por conta do tempo, não voltar a entrevistá-los.

<sup>6</sup> Todos os nomes referentes a ex-alunas, professores entrevistados ou citados que aparecem nesta dissertação são fictícios, por motivos éticos, a fim de preservarmos suas identidades.

A escolarização foi feita em escolas públicas, com certas dificuldades financeiras. A formação em História aconteceu, em grande parte, pelo gosto pela disciplina e pela influência de professores de História que foram marcantes. A vinda para o curso de História da UFG-RC para os professores formadores significou uma boa proposta de emprego, a consolidação na carreira docente.

Cabe ressaltar que até o momento do exame de qualificação o objeto da pesquisa era o Curso de História da UFG-RC. Porém, conforme as observações da banca e os dados que já havíamos coletado optei, junto com meu orientador, por focar o processo de formação e profissionalização de egressos do curso de História nos anos de 1991 a 2004. As entrevistas dos professores do curso apresentaram dados interessantes sobre a formação dos mesmos, que agregaria ainda mais reflexões sobre a formação de professores.

Acredito que essas mudanças trouxeram mais fluidez e segurança para a discussão acerca da formação de professores, que é o objeto pesquisado.

De acordo com Souza (2007, p. 21), “por outro lado, o pesquisador que trabalha com narrativas interroga-se sobre suas trajetórias e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta e a leitura da narrativa do outro”. Ao trabalhar com todas as narrativas e ao escutar todas as entrevistas, minha própria trajetória foi colocada em questão.

Diante do exposto, a dissertação se estrutura da seguinte forma: O capítulo 1, intitulado **Sobre a formação: processo ao longo da vida** trata da formação como um processo que se constrói ao longo da vida, considerando as vivências, as experiências adquiridas como elementos de formação. O capítulo 2, **Dos sujeitos da pesquisa**, apresenta os sujeitos da pesquisa, por meio de suas biografias educativas e o que eles dizem sobre sua formação ao longo da vida. E, o capítulo 3, que tem como título **Concepções de formação na perspectiva dos sujeitos da pesquisa**, aborda a compreensão do processo de formação das ex-alunas e dos professores-formadores do curso de História da UFG, Regional Catalão, de 1991 a 2004.

## **CAPÍTULO I**

### **SOBRE A FORMAÇÃO: PROCESSO AO LONGO DA VIDA**

Este capítulo tem por objetivo tecer uma discussão acerca da formação como um processo que se constrói ao longo da vida. Refletir sobre a formação implica pensar em transformações, interações, aprendizagens vividas pelo sujeito. Nos dizeres de Josso (2010, p. 14-15),

A formação intelectual não era mais apenas a aquisição de uma cultura científica relativa a um conjunto de disciplinas e a sua história, mas mais fundamentalmente a tomada de consciência de um conjunto de pontos de vista possíveis sobre si mesmo e seu meio, a atenção voltada para os pressupostos constitutivos da epistemologia do aprendente, a integração consciente do processo consciencial às práticas, a capacidade de verbalização das experiências, o poder-comunicar com terceiros, a capacidade de identificação e de diferenciação com as teorizações e experimentações de outrem, a capacidade de atribuição de sentido às ações empreendidas.

Essa é uma ideia valorosa para esta dissertação, pois o que o sujeito narrador viveu e aprendeu não se restringe à formação que teve no banco da escola, seja em que nível for. Sua trajetória, revestida de interações sociais com o meio onde viveu, as pessoas com quem conviveu e as relações consigo mesmo exala em seu modo de ser. Isso tudo é projetado em seu presente e tomado como possível expectativa para seu futuro pessoal e profissional.

Em cada fase e nos ambientes em que vivi, aprendi a superar desafios, conviver com meus defeitos, a buscar pelo bem do outro, a viver minha fé em Deus. Acredito que essas aprendizagens me acompanham desde criança, quando gostava de brincar de bonecas, de escolinha, de andar de bicicleta, até mesmo na universidade, como uma estudante cheia de vontades e sonhos.

A formação, portanto, é um processo que acontece ao longo da vida, que perpassa as vivências do sujeito, bem como suas interações sociais e individuais. Josso (2010) salienta que:

O processo de formação designa um conjunto de transformações realizadas pelo sujeito tanto sobre si mesmo (naquilo que chamamos de vida interior) e na sua relação consigo mesmo quanto nas interações sociais e em sua relação com o meio ambiente. Essas transformações se fazem num duplo movimento de integração de novas dimensões e de abandono de dimensões anteriores. (JOSSO, 2010, p.205).

Formação como transformações, vivências, experiências realizadas pelo sujeito sobre si mesmo, em suas interações sociais e no meio ambiente. A cada dia, a cada escolha, em cada lugar, o sujeito pode se transformar e aprender coisas novas que irão se juntar com outras aprendizagens e transformações já vividas.

Em cada época de nossa vida, seja na infância, adolescência, idade adulta e ou velhice surgem coisas novas, que podem nos propiciar novos conhecimentos. E cada novo conhecimento pode nos transformar, fazer-nos (re)ver nossas práticas e experiências.

Dessa feita, podemos entender que o processo de formação é constituído em cada momento da vida do sujeito, ou seja, ao longo da vida. Alheit e Dausien nos ajudam a entender sobre isso, afirmando que “a expressão *aprendizagem e formação ao longo da vida* indica, em primeiro lugar, uma medida de tempo, uma expressão quantitativa ou uma duração que é a do tempo de uma vida humana” (2006, p.179. Destaques dos autores). O sujeito pode aprender em cada tempo de sua vida e sua formação pode acontecer ao longo de toda sua vida. Conforme os autores:

[...] aprendemos e nos formamos nas conversas com os amigos, assistindo à televisão, lendo livros, folheando catálogos ou navegando na Internet, tanto quanto quando refletimos e quando fazemos projetos. [...] não podemos alterar o fato de que somos aprendentes “no longo curso” da vida. (ALHEIT; DAUSIEN, 2006, p.1. Destaques dos autores).

Nesse sentido, o processo de formação pode ser entendido como as transformações, interações, experiências que o sujeito estabelece ao longo de sua vida que marcam sua trajetória pessoal e profissional.

Josso (2010, p. 2016) explica que: “o percurso de formação centra-se principalmente em deslocamentos, escolhas, acontecimentos, encontro que são designados como marcos de uma trajetória [...]”. O caminho da formação toma como elementos os movimentos, as escolhas, experiências e caminhos realizados pelo sujeito em suas interações sociais e individuais que sinalizam seus passos enquanto ser social.

Quando pensamos em nosso processo de formação, temos a oportunidade de tecer uma reflexão sobre o mundo e sobre nós mesmos, oportunidade esta que nos permite aprendermos mais sobre nós mesmos, quem somos e aquilo que vivemos, o que foi de fato essencial para a nossa formação enquanto pessoa e profissional. Sobre isso, Josso (2010, p. 72) afirma que: “o processo de formação, que caracteriza o percurso de vida de cada um, permite dar luz, progressivamente, ao ser-sujeito de formação [...]”. O processo de formação proporciona mais conhecimentos ao indivíduo sobre a sua própria vida. Ou seja, quando o

indivíduo reflete acerca de suas vivências, ele pode conhecer mais sobre si mesmo e o ambiente em que está inserido.

Bragança (2012, p. 63) afirma que: “a formação é um processo interior; liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. Logo podemos afirmar que, potencialmente, todos os espaços e tempos são espaços e tempos de formação, de transformação humana.”

A formação pode acontecer na família, na Igreja, nos movimentos sociais, sindicatos, na infância, adolescência, velhice, ou seja, em cada espaço onde o sujeito possa estar e em cada tempo que ele viveu. A formação se constitui como um processo que vai englobando todas as experiências temporais vividas pelo indivíduo, permitindo a ele aprender com elas, podendo, assim, estabelecer novas perspectivas para seu futuro.

Nesse contexto, acerca da formação docente em cada um desses espaços e tempos vividos pelo sujeito, ele pode levar tudo o que aprendeu para sua atuação em sala de aula, o que pode auxiliar na construção de sua identidade docente. Bragança (2012) discorre sobre isso, explicando que:

Observamos que a vida e a formação docente trazem um movimento em que se encontram a formação acadêmica institucional, a história familiar e pessoal/de vida, opções e trajetórias religiosas, a memória escolar e tantas outras dimensões que vão tecendo o ofício docente. (BRAGANÇA, 2012, p.32).

As vivências, em tempos diferentes, podem ir desencadeando a identidade e o ofício do professor. A formação acontece não de maneira homogênea, individual, mas, sim, em cada relação estabelecida com as pessoas e ambientes da vida do indivíduo. Moita (2007, p. 115) esclarece que:

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos.

As relações que vamos estabelecendo com as pessoas nos permitem aprender com elas e é algo que nos marca e que vai perpassando a nossa vida pessoal e profissional. E isso faz parte do nosso processo de formação, pois a formação, como a autora nos ajuda a entender, supõe trocas e experiências com outras pessoas. Não é isso que nos acontece quando

nos lembramos dos professores que tivemos, dos amigos com quem convivemos, das brincadeiras da infância?

O professor levará para a sala de aula suas experiências, vivências, escolhas e aprendizados que o foram constituindo como professor.

Sobre isso, Nóvoa (1992, p. 13) explica que: “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal.”

Além do processo de formação conter as trocas, as experiências que vamos estabelecendo ao longo de nossa trajetória com as pessoas e com o meio ambiente, ela pode ser construída por meio de nossas reflexões sobre nossas ações e práticas que compõe nossa identidade, bem como nosso ofício. A formação então adquire um novo papel que vai além das aprendizagens científicas recebidas na sala de aula. A cada reflexão sobre nossas práticas, a cada relação social estabelecida, temos a oportunidade de novas aprendizagens.

Podemos inferir que, quando o sujeito repensa suas experiências, ele vai se formando, pois aprende coisas novas. Quando não refletimos sobre o que foi formativo ao longo de nossa vida, perdemos a oportunidade de nos centrarmos e nos conhecermos de forma mais completa.

Nesse aspecto, Josso (2010, p. 35) afirma que “formar-se é integrar numa prática o saber-fazer e os conhecimentos na pluralidade de registros [...]”. A formação vai acontecendo na medida em que há a junção dos saberes apreendidos com os conhecimentos que o sujeito recebeu antes. Cada aprendizagem e experiência podem ser formadoras, seja em qual for o espaço onde o indivíduo esteja.

A ação de se formar está relacionada à capacidade do indivíduo de relacionar o que aprendeu com tudo aquilo que já sabe. E isso pode acontecer a cada vivência, a cada escolha, a cada experiência, e não somente por meio de cursos oficialmente de formação, mas ao longo da vida. Acreditar que o conhecimento é apreendido somente com cursos formais é menosprezar os aprendizados de cada experiência vivida. O sujeito aprendente, a cada ação de se formar, pode tecer novas relações e significados que vão além dos conhecimentos científicos adquiridos.

O aprendente tem a oportunidade de, através da aprendizagem científica adquirida, olhar mais para si, de se centrar e relacionar essa aprendizagem ao o seu meio, de tecer novos

sentidos e significados sobre sua vida e o que aprendeu. Ou seja, de perceber como essa formação intelectual impactou ou não em sua vida.

Conforme Josso (2010, p. 78-79), “o ser em formação só se torna sujeito no momento em que a sua intencionalidade é explicitada no ato de aprender e em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e para reorientá-lo”.

A narrativa pode levar o sujeito a esse exercício de (auto)reflexão, ou melhor, o exercício de se narrar permite ao sujeito a explicitação e consciência de suas intencionalidades. Este exercício é formativo.

Dominicé (2010, p. 94) ressalta que: “A formação assemelha-se a um processo de socialização, no decurso do qual os contextos familiares, escolares e profissionais constituem lugares de regulação de processos específicos que se enredam uns nos outros, dando uma forma original a cada história de vida.”

O autor fortalece a tese da formação ao longo da vida, radicada especialmente em contextos familiares, escolares e profissionais. Ele diz também que “[...] a formação corresponde a um processo global de autonomização.” (DOMINICÉ, 2010, p. 95). A cada vivência e transformação o indivíduo terá autonomia de se conhecer mais, de rever o que de fato foi marcante em sua vida e de tecer novas escolhas para seu futuro.

Quando revemos e refletimos sobre aquilo que foi marcante, como por exemplo: o primeiro dia de aula, o primeiro salário, os professores queridos, os conhecimentos adquiridos, oportunizamos a nós mesmos também (auto)conhecimento. Chiené (2010, p. 132) explica que “[...] a formação é como um pequeno quadro dentro de um quadro maior, isto é, insere-se na vida da pessoa, desenvolve-se com ela, articula-se em profundidade com a sua problemática existencial”. A formação vai acontecendo em cada lugar, em cada ambiente onde o indivíduo estabelece suas interações e inserções. Por isso, está unida com o sujeito em toda a sua existência.

Refletir sobre o nosso processo de formação nos possibilita analisar quem nós somos, o que nos faz feliz e o que queremos para o futuro. Possibilita também compreender a respeito das aprendizagens significativas que estão interligadas em nossa identidade pessoal e profissional.

Sobre isso, Chiené (2010) afirma que:

[...] a narrativa de formação serve de charneira para a compreensão da experiência, pois engloba e ultrapassa o “vivido”. Encontramos nela o antes e depois, o fora e o dentro da experiência presente [...] Em resumo, a

compreensão da experiência de formação é a compreensão do **eu** [...]. (CHIENÉ, 2010, p. 138-139. Destaques do autor).

Refletir acerca do que foi importante para a nossa formação é entender a nossa própria história. É compreender quem somos, porque chegamos a ser o que somos, ou seja, é compreendermos nossa identidade.

Penso que o meu gosto pelos estudos está relacionado à postura dos professores que eu tive ao longo da minha escolarização básica. A alegria dos meus professores e a seriedade no trabalho com o conteúdo foram aspectos positivos em minha formação.

Aprendi também que aprender e ensinar são exercícios que exigem ternura e paciência. Quando cheguei à universidade, essas aprendizagens estiveram presentes comigo em todos os momentos, especialmente durante as provas, trabalhos e seminários.

Souza e Oliveira (2013, p. 134) explicam que o contato “com suas experiências e o modo como narra possibilita a quem narra revelar tramas do cotidiano pessoal e profissional, através do modo como explicita fios da sua história de vida pessoal/familiar, da formação, escolarização e da profissão, com destaque para a sua prática.”

Em relação ao trabalho do professor, quando ele expõe suas vivências que podem estar relacionadas à sua prática na sala de aula, de como ensina, como se relaciona com seus alunos e colegas e como pensa a educação, ele nos conta sobre suas experiências formadoras. Conforme Josso (2010), para que a experiência seja considerada formadora “é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades”. (JOSSO, 2010, p.47). A experiência formadora corresponde à experiência que pode proporcionar novas atitudes, novos pensamentos em relação a sua vivência. Ou seja, ela propicia novas reflexões para o indivíduo, permitindo novos rumos e aprendizagens para a história de vida do sujeito.

Josso (2010, p. 90-91) salienta também que:

A ampla delimitação de contextos e situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam uma vida – as pessoas significativas da família, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos -, começam a desenhar os contornos da singularidade de um percurso de formação, e começa a evidenciar aprendizagens; momentos-charneira e desafios que os atravessavam; valores ou valorizações que orientaram escolhas, bem como preocupações e temas recorrentes.

O processo de formação vai sendo gestado com essas amplas experiências formativas, germinadas em interações sociais, políticas, econômicas, culturais, amplificadas em diversos lugares, que foram significativas na história de vida do sujeito.

Segundo Bragança (2012, p. 66),

[...] afirmamos, no entanto, que a intensidade das experiências que se tornam significativas e formativas é necessariamente coletiva. Elas vêm de um investimento social, no caso do processo escolar, ou das tramas, dos encontros e desencontros que temos com os outros e com o meio, ao longo da vida.

A cada vivência com outras pessoas o indivíduo vai aprendendo coisas novas, estabelecendo significados para essas novas aprendizagens ao longo de sua vida. Ele vai gerindo sua vida, interrogando-se. Conforme Josso (2010, p. 91),

O processo de formação, nas dialéticas e nos conteúdos que caracterizam uma trajetória, é progressivamente explicitado a partir de questionamentos, de hipóteses, de constatações de recorrências nos comportamentos, nas atitudes ou nas valorizações, e na maneira de cada um gerir a própria vida.

Ao narrar sua trajetória formativa, o indivíduo explica questões, hipóteses e escolhas feitas, que estão interligadas em seu presente, pessoal e profissional.

Em relação ao processo de formação do professor de História, isso também não é diferente, ou seja, a formação acontece em cada época e ambiente onde o sujeito estabelece interações e é um processo ao longo da vida. Porém, os conhecimentos históricos e didáticos ele recebe nos cursos de graduação, em instituição de ensino superior.

Acerca disso, Fonseca (2003, p. 60) esclarece que:

Entretanto, é sobretudo na formação inicial, nos cursos superiores de graduação, que os saberes históricos e pedagógicos são mobilizados, problematizados, sistematizados e incorporados à experiência de construção do saber docente. Trata-se de um importante momento da identidade pessoal e profissional do professor, espaço de construção de maneiras de ser e estar na futura profissão.

Esse momento de formação em nível superior é importante para o sujeito aprendiz, pois se trata de um momento em que ele poderá interligar todas as suas vivências e experiências adquiridas anteriormente às novas aprendizagens na graduação, o que é significativo para um bom processo de ensino-aprendizagem voltado para uma formação crítica e reflexiva.

A autora ressalta que: “Assim, o historiador-educador ou professor de História é alguém que domina não apenas os mecanismos de produção do conhecimento histórico, mas um conjunto de saberes, competências e habilidades que possibilitam o exercício profissional da docência.” (FONSECA, 2003, p. 63).

A formação do professor de História então poderá conter as aprendizagens ao longo de suas experiências escolares e da sua formação superior. Dessa maneira, ele adquire uma série de práticas e saberes para estar em sala de aula.

A autora ainda afirma que:

Dessa forma, o registro das vidas dos professores, de suas maneiras de ser e ensinar situa-se neste campo movediço, em que cruzamos modos de ser do indivíduo e o mundo social, as instituições e os diferentes atores, grupos e conflitos sociais que fazem parte de suas trajetórias. (FONSECA, 1997, p.35).

A formação do professor, também a do professor de História, compreende a sua trajetória, em que são interligadas suas experiências, sua maneira de ser, as pessoas que estão presentes e que foram presentes em suas histórias de vida.

Dessa maneira, refletir acerca da formação do professor, considerando sua trajetória de vida, é uma tarefa importante no sentido de se buscar compreender sua identidade, suas experiências e porque chegou a ser o que é. Segundo Queiroz (2012, p. 116): “A formação docente, tanto a inicial quanto a continuada precisa ser consistente, crítica e reflexiva, capaz de fornecer os aportes teóricos e práticos para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do professor, direcionando-o ao seu fazer pedagógico.”

Acreditamos que seja importante que o aluno, futuro professor de História, reflita em seu momento de formação superior sobre quem ele é, seu presente em sala de aula, seu futuro enquanto docente, juntamente com todo o aparato teórico e prático que recebe na sala de aula, mediante o estudo das disciplinas, as leituras e ações acadêmicas durante a sua graduação.

Fonseca (2003, p. 71) aponta que:

Daí decorre o que parece óbvio: a necessidade de articular diferentes saberes no processo de formação. No caso do professor de história, as dimensões éticas e políticas da formação são extremamente importantes, pois o objeto de ensino de história é constituído de tradições, ideias [...]

No processo de formação do professor de História, há o agrupamento de vários saberes que o aprendente adquiriu ao longo da vida e a presença de questões políticas, sociais

e culturais. História é uma ciência que se preocupa com o social, com a política, economia, cultura, e isso perpassa toda a formação superior do sujeito.

Nesse sentido, um aluno que pensa a História por meio de uma concepção cultural, desenvolverá sua prática direcionada para essa tendência historiográfica, preocupando-se com fontes documentais como filmes, música, literatura, dentre outros, por exemplo. Ao passo que um aluno que reflete sobre a História balizado em uma concepção social poderá exercer seu trabalho com ideais sociais das lutas sociais.

Fonseca e Silva (2010) salientam que:

As histórias são frutos de múltiplas leituras, interpretações de sujeitos históricos situados socialmente. Assim como a História, o currículo escolar não é um mero conjunto neutro de conhecimentos escolares a serem ensinados, apreendidos e avaliados [...] um currículo de História é, sempre, produto de escolhas, visões [...] (FONSECA; SILVA, 2010, p. 4).

Os autores refletem acerca do currículo escolar de História como um documento regido por diferentes escolhas e opiniões, pois a História não é uma ciência homogênea, de uma única visão. Podemos inferir que esse pensamento também é válido para a formação superior em História.

Um curso de História apresenta, por meio de seus diferentes professores, uma diversidade de pensamentos historiográficos. E os alunos se formam em meio a toda essa diversidade de pensamento e teoria.

A respeito da formação do professor de História, Blanch (2012, p. 8) ressalta que:

Existen pocas investigaciones sobre el profesor de historia y ciencias sociales, sobre su formación, su desarrollo profesional y su práctica. Se sabe relativamente poco sobre lo que hacen y lo que dejan de hacer cuando enseñan historia. Se sabe más acerca de lo que dicen qué hacen o de lo que creen que hacen y de sus ideas o de sus representaciones sobre La enseñanza de La historia y de las ciencias sociales.

Podemos entender que a formação do professor de História ainda não é muito discutida de maneira mais sólida. Em geral, o que temos acesso são às suas impressões sobre suas práticas na sala de aula, seus problemas e desafios. Pensar o processo de formação desses professores é refletir sobre quem ele é, o porquê de suas ações, o que espera para seu futuro docente.

Fonseca (2007, p. 152) esclarece que:

Acreditamos que uma proposta articulada no decorrer do processo de formação inicial que tenha, como eixo vertebrador, a reflexão na e sobre a prática conduz às transformações necessárias, à produção de saberes e práticas que possibilitam as incorporações/superações de forma dinâmica e dialética. Desse modo, a dimensão técnica, instrumental, da formação se processará de forma articulada à fundamentação científica, pedagógica e política, assegurando a formação de um professor pesquisador, detentor de um saber plural, crítico e reflexivo, configurada numa compreensão de totalidade da ação educativa.

A autora defende que é importante articular formação inicial do professor e reflexões acerca do ofício do professor, de suas práticas, do sujeito aprendente que irá ser um futuro professor.

Poderemos ter mudanças significativas na formação de professores preocupados com o exercício da cidadania e da democracia. A formação levará em conta as vivências do sujeito, os conhecimentos científicos e as técnicas para a sala de aula. Poderemos ter um processo de ensino-aprendizagem que oriente os alunos, futuros professores, a adotarem uma postura ética, ativa e crítica em suas ações na sala de aula.

No que tange à formação do professor de História, o aluno, futuro professor, poderá a cada aula, com cada conteúdo, juntamente com suas vivências, adquirir novas experiências e conhecimentos que irão auxiliá-lo a desenvolver um ensino de História que propicie uma consciência histórica atuante em seu ofício na sala de aula.

Sobre isso, Fonseca (2007) ainda ressalta que:

Ensinar História e formar professores para o ensino de História conduz-nos à retomada de uma velha e óbvia questão: o papel formativo de ensino e aprendizagem de História em todos os níveis de ensino. Implica pensar sobre a possibilidade educativa da História, ou seja, a História como saber disciplinar fundamental na formação do homem [...] (FONSECA, 2007, p. 151).

Acredito, até por formação, que a História é uma ciência importante. A formação em História pode propiciar reflexões acerca das ações do homem no tempo, da memória da humanidade, bem como das possibilidades de um futuro diferenciado. Pressupõe-se com isto que a formação na ciência História oferece ao futuro professor conhecimento e habilidades para pensar passado, presente e futuro de forma integrada.

A autora explica que:

[...] nas lutas por um mundo melhor a história ensinou-me a ver [...] seres humanos e ações; ensinou-me a buscar compreender a vida dos homens em sociedade. Assim, tornar-me professora de História é aprender a cada

momento e em todos os lugares o que nos ensina a “fornecedora de sensatez”, “professora da verdade” e “mestra da vida” – a História! (FONSECA, 2003, p. 135).

A formação em História propiciou à autora, um novo olhar para as pessoas e suas ações. A Ciência História tem essa capacidade de oferecer aos alunos, um novo olhar para a sociedade, para as atitudes humanas ao longo do tempo e, com isso, eles poderão adquirir mais conhecimentos para se tornarem professores reflexivos e atuantes.

De acordo com Silva (2003, p. 82):

É muito importante que a valorização de historiadores, professores e alunos de história como faces da história aprendida e ensinada não se confunda com um exercício confessional autocentrado, no qual se perca de vista as múltiplas possibilidades sociais existentes em cada momento, ao longo de milênios e em diferentes espaços.

A cada época, a cada tempo, existem ensinamentos históricos em relação às pessoas, à sociedade, à cultura, que são válidos para o presente em que vivemos, para o presente na sala de aula, e tanto professores quanto alunos não podem ignorá-los.

A minha formação em História aconteceu na UFG, Regional Catalão, entre os anos de 2006 a 2009. O curso era noturno, de regime semestral, com as habilitações de bacharelado e licenciatura juntas e duração de quatro anos. As aulas aconteciam de segunda a sábado. Eu fiz o curso em quatro anos.

Nos quatro primeiros semestres, as disciplinas que cursei foram as de núcleo comum, que são básicas do curso, tais como História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea, História do Brasil, História da América e Teoria da História. Tive, também, nestes quatro primeiros semestres, as disciplinas pedagógicas, como Políticas Educacionais no Brasil, Fundamentos Sócio-históricos da Educação e Psicologia da Educação.

Nos semestres posteriores, cursei as disciplinas de estágio supervisionado, de núcleo livre e disciplinas específicas, com a monografia. As disciplinas de núcleo livre são disciplinas que o aluno tem a liberdade de escolher, podendo ser realizadas em outro curso, por isso o nome núcleo livre. E as disciplinas específicas são disciplinas que tratam de um determinado assunto dentro da História.

Além do cumprimento de todas essas disciplinas, nós, alunos, deveríamos cumprir uma carga horária de 200 horas de atividades extracurriculares. Tais atividades consistiam em

participação em simpósios, comunicação de pesquisa em eventos, organização de congressos, dentre outros.

Em relação à monografia, ela era trabalhada por meio de algumas disciplinas, como a de Técnicas de Pesquisa no 4º semestre, em que deveríamos fazer um pré-projeto de pesquisa. E também nas disciplinas específicas, em que fazíamos o projeto de pesquisa definitivo e discutíamos as nossas fontes documentais e bibliografia com toda a turma até o momento da defesa, que é feita no último mês do curso.

A minha turma era bastante unida. A cada aula, os laços de amizade iam se fortalecendo. E esses laços estavam também presentes nos momentos de provas e trabalhos. Em todas as provas e trabalhos eu e meus colegas ajudávamos uns aos outros, compartilhando ideias sobre os textos, dicas de apresentação nos seminários, o que deixava as aulas mais alegres.

Os meus colegas em grande parte, assim como eu, são de Catalão. Mas tive colegas de cidades próximas, como Goiandira, Campo alegre, Ipameri e Davinópolis, todas do Estado de Goiás. Tive também colegas da zona rural e do distrito de Santo Antônio do Rio Verde<sup>7</sup>.

A maioria dos professores era constituída por doutores formados em diferentes universidades públicas de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Em cada aula, eu percebia que os professores estavam bem preparados. Nunca presenciei nenhum professor reclamando de seu ofício na sala durante os quatro anos do curso.

E, além disso, eles, em sua grande maioria, eram bem humorados. Aconteciam em certas aulas momentos de descontração com algo contido no texto ou fatos que os professores utilizavam para explicar o texto e que se tornavam motivo de graça.

As leituras que eu tive em minha formação em História foram diversas. Alguns textos possuíam uma linguagem de mais fácil compreensão, tais como os da disciplina de História do Brasil, com textos de autores como Gilberto Freire, Emília Viotti da Costa, Caio Prado Júnior, que eu gostava muito. Já outros textos apresentavam uma linguagem difícil com conceitos complexos. Os textos que me causaram mais dificuldades de compreensão foram os textos de Teoria da História e História da América.

Autores como Paul Ricoeur, Lucien Le Febvre, Ankersmith, Walter Benjamim, Todorov eram trabalhados em algumas disciplinas tais como Teoria da História e História da América. E eu tinha dificuldades com seus textos pela complexidade dos conceitos e ideias que eles apresentavam e eu estava no momento de adaptação à vida acadêmica.

---

<sup>7</sup> Distrito de Catalão.

Em relação às concepções teóricas por parte do trabalho dos professores, percebi que há professores que desenvolvem seu ofício docente por meio de uma perspectiva cultural e, outros, de uma perspectiva mais social. Isso quanto aos textos que eles utilizavam e às monografias que orientavam. Aqueles professores adeptos da perspectiva cultural trabalhavam textos e conceitos de autores como Roger Chartier. E orientavam monografias sobre cinema, literatura e música. Já os professores afeitos à perspectiva teórica e social, trabalhavam com textos de autores como Marx e Thompson, e orientavam monografias acerca de movimentos sociais e política em Catalão.

Essas diferenças teóricas não eram motivos de discussões entre eles no período em que eu estudei no curso. Todos conviviam de maneira harmoniosa. E as aulas aconteciam com muito respeito. Acredito que essa relação respeitosa entre os professores pode estar relacionada ao amadurecimento deles em relação à ciência História, que é uma ciência heterogênea, passível de diferentes opiniões e pontos de vista, sendo, portanto legítimo que cada historiador tenha a sua própria maneira de pensar, trabalhar e ensinar História.

A diferença teórica é uma característica peculiar, não só deste curso, mas praticamente de todos os cursos no Brasil. E podemos entender que isso é algo da própria Ciência História, que é uma ciência que abarca diferentes visões e reflexões. Ou seja, ela não é uma ciência de apenas uma visão.

E, no momento da produção da monografia, essas particularidades teóricas eram mais visíveis. Cada colega, juntamente com seu professor orientador, desenvolvia suas pesquisas, ora de cunho social, ora de cunho cultural.

O que foi importante na minha formação em História foi a visão ampla da sociedade que ela me propiciou. Aprendi a refletir mais sobre os desafios atuais que a nossa sociedade enfrenta e a valorizar mais o ensino de História na formação superior em História.

Atualmente, as aulas de História na educação básica são somente duas por semana. E nossos professores nos orientavam a desenvolver nessas poucas aulas, ações didáticas que oferecessem aos alunos, uma visão aberta do passado, para um melhor entendimento do presente e liberdade de pensar o futuro, com mais justiça.

Fomos levados a crer que nós devíamos mostrar aos nossos futuros alunos, que estudar História é importante para um melhor entendimento da sociedade, da época em que vivemos, e que o ensino de História pode contribuir para o exercício da cidadania e da democracia por meio de reflexões que ele oferece a respeito das ações do homem no tempo e das suas ações enquanto seres sociais.

Diante de todo o exposto ao longo do texto, podemos compreender que o processo de formação se constitui a partir das experiências, escolhas, vivências, interações que o sujeito estabelece consigo mesmo, com as pessoas e o ambiente em que se insere. Cada espaço e tempo vivido pelo sujeito pode se tornar um espaço de formação. Ou seja, o sujeito é formado na Igreja, na família, nos movimentos sociais, nos partidos políticos, no trabalho e também no ensino superior. Em cada um desses ambientes, o sujeito pode aprender coisas novas, adquirir experiências que serão formadoras. Isso porque vivemos em sociedade, pertencemos a uma família, a uma religião, a um partido político, desempenhamos determinado ofício e vamos aprendendo com as pessoas nesses ambientes.

A formação acontece ao longo da vida. Em cada época em que vivemos, seja na infância, adolescência, idade adulta e velhice, podemos nos transformar, aprender coisas novas e estabelecer novas escolhas. Somos sujeitos aprendentes em toda a nossa vida.

Entendo que a formação do professor de História perpassa também por este veio que relaciona as experiências da vida às que acontecem durante os quatro anos de formação superior acadêmica, no caso, o Curso de História da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

Todos os sete sujeitos da pesquisa narraram em suas trajetórias, aprendizagens que vieram de vivências e experiências diversas, da escolarização fundamental e média, do ensino superior. Tudo isso é identificado como aprendizagens que propiciaram novos sentidos em suas vidas.

Momberger (2012, p. 524) afirma que “o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma as suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”.

A pesquisa biográfica nos auxilia a compreender como o aprendente vai refletindo os significados de sua formação que foram para além da sala de aula. As entrevistas como instrumento de coleta de dados permitiram acesso aos significados de formação dos entrevistados.

O capítulo 2 irá tratar das biografias educativas dos sete entrevistados, que narraram sua trajetória de formação ao longo de suas vidas. Eles apontaram significados que foram propiciando consistência às suas experiências formadoras que refletem em sua vida pessoal e profissional.

## **CAPÍTULO II**

### **DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

Este capítulo tem como objeto apresentar os sujeitos da pesquisa, ex-alunos e professores do curso da História da UFG – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, de 1991 a 2004, e refletir sobre o que eles dizem sobre sua formação ao longo da vida, por meio das suas biografias educativas.

Eu faço parte de uma família que preza pela educação e pelo conhecimento. Cresci ouvindo os conselhos dos meus pais para meu irmão e eu estudarmos com seriedade. Talvez o meu gosto pelos estudos venha, de certa forma, do que vivi e ainda vivo em minha família, que é a valorização da educação. Falar de nossa formação ao longo da vida requer tecer reflexões sobre aquilo que foi significativo para nós e que contribuiu para sermos a pessoa e o profissional que somos hoje. Esse exercício de rever nossas vivências, transformações, interações individuais e sociais, ou seja, nosso processo de formação pode nos propiciar o entendimento sobre quem somos, bem como sobre as aprendizagens adquiridas ao longo da vida, e como elas estão presentes em nosso dia-a-dia, na construção de nossa identidade. E as biografias educativas podem nos auxiliar a refletir sobre todo esse processo de formação ao longo da vida. Mas o que vem a ser uma biografia educativa?

Segundo Josso (2010, p. 64) “a biografia educativa designa uma narrativa centrada na formação e nas aprendizagens do seu autor”. Ela se constitui em uma narrativa que tem como foco a formação e os conhecimentos do sujeito. É uma narrativa que busca refletir sobre a formação do sujeito, suas vivências, transformações, escolhas, aprendizagens e conhecimentos.

As biografias educativas permitem ao indivíduo, pensar em seu processo de formação e indagar o que de fato foi importante em sua vida que o faz ser o que é. De acordo com Dominicé (2010, p. 199), “Quaisquer que sejam os parâmetros comuns - a família de origem, a escola, os grupos de adolescentes, a formação profissional, o exercício do trabalho – a biografia educativa põe em relevo processos de formação próprios de cada narrativa da história de vida.”

A biografia educativa coloca em evidência os processos de formação peculiares de cada sujeito, tais como os que acontecem na família, no trabalho, nas amizades, dentre outros, levando o indivíduo a ponderar sobre o que foi importante em sua formação ao longo da vida. A biografia educativa trata propriamente de narrativa de formação.

Sobre isso, Dominicé (2010, p. 198) esclarece que “as biografias educativas acentuam as diferenças entre histórias de vida de pessoas da mesma idade, da mesma origem social ou da mesma profissão”. As biografias educativas nos ajudam a entender o que há de comum e incomum, ou seja, aspectos singulares nas histórias de vida do sujeito que são formativos, que o marcaram em sua trajetória e que o fizeram ser o que é.

Josso (2007, p. 413) aponta que “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto”. Por meio da reflexão sobre as biografias educativas, podemos perceber os sentidos que o sujeito atribui para cada contexto formativo que viveu, seja na Igreja, na família, na escola, e como ele pensa sobre isso, sobre sua existência nesses contextos de forma individual ou coletiva.

Conforme Souza (2011, p. 216), “articuladas aos processos históricos e socioculturais, as narrativas profissionais e pessoais revelam os modos como ocupamos os espaços e como nos relacionamos com o trabalho e com as produções concernentes à arte ou ofício de educar.”

As narrativas formativas podem nos ajudar no entendimento de como o sujeito se posiciona em suas relações sociais, como ele age nos espaços que ocupa e como isso vai influir no seu dia-a-dia em sala de aula. Nesse contexto, as narrativas de formação, ou seja, as biografias educativas podem trazer para o centro da reflexão as experiências formativas do sujeito. Souza (2007, p. 16) esclarece que “as práticas de escrita de si e as narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de formação e de conhecimento porque tem na experiência sua base existencial”.

Assim, as narrativas abordam experiências formativas que foram significativas no processo de formação do professor e que marcam sua trajetória e sua identidade enquanto pessoa e profissional da educação.

Nas biografias educativas dos ex-alunos e professores do curso de História da UFG, Regional Catalão, sujeitos da pesquisa, eles relatam transformações, vivências, escolhas que refletem em seu dia-a-dia. Esses sujeitos da pesquisa são: Sílvia, Isabela e Lia, ex-alunas do curso de História da UFG, Regional Catalão; e Luana, Renata, Israel e Elisa, professores-formadores também do curso de História da mesma instituição.

## *Sílvia*

Sílvia nasceu em uma fazenda perto de Pires Belo, distrito de Catalão. É a filha mais velha de quatro irmãos. É casada e mãe de dois filhos. Começou a sua escolarização na escola da zona rural. Relata que seu pai decidiu se mudar para Catalão para que ela e seus irmãos pudessem estudar e ter uma vida diferente da dele.

Ao se mudar para Catalão, Sílvia afirma que ela e seus irmãos foram para as melhores escolas particulares da cidade:

Aí eu comecei a estudar no Anchieta, mas não dei muito valor naquele estudo não! E meus irmãos eram mais dedicados. Aí eu sei que eu reprovei no Anchieta e meu pai ficou muito chateado e falou “então vai para a escola pública”, e aí eu fui estudar no Colégio Estadual e meus irmãos continuaram no Anchieta. (Entrevista realizada com a ex-aluna Sílvia no dia 22 de janeiro de 2014).

A mudança para Catalão propiciou à Sílvia o ingresso em escolas particulares tidas como referência na cidade. Do âmbito rural para o urbano ela se desloca, mas não conseguiu compreender o valor do estudo que seu pai oferecera até então. A reprovação e a mudança para uma escola pública indicam a firmeza de seu pai quanto ao critério escolar dentro de casa, ou seja, se quer estudar vai para uma escola considerada melhor, particular. Se não quer estudar, vai-se para uma escola pública.

Além dessas experiências, Sílvia afirma:

Eu comecei o magistério e me casei. Parei de estudar né! Achei que casamento seria... Com 16 anos né! Eu tinha começado o primeiro ano de magistério e parei. Meu marido dizia “vai estudar!” e aí eu não, não quero estudar não e tal. Aí tive dois filhos... Eu demorei ter filhos também; depois de 17 anos se não me engano, foi que eu voltei para a escola. Voltei para o EJA, terminei o segundo grau, o ensino médio que eu não tinha terminado. Terminei, fiz acho que 6 meses de cursinho no Anglo e aí, entrei na faculdade. (Entrevista realizada com a ex-aluna Sílvia no dia 22 de janeiro de 2014).

Nesse momento da vida de Sílvia, entre estudar ou não, a opção é pela sua família. Os estudos não tinham muito sentido. Talvez porque ela não precisasse tanto de estudar, pois tinha um pai que a ajudava, uma família sólida. Ser mãe e esposa era o que tinha mais significado para ela.

Sobre a questão de ser professora, Sílvia esclarece que:

Foi o acaso e a necessidade. Eu, quando eu voltei para o ensino médio né. Hoje, eu trabalho no CEJA lá, eu sou aluna de lá. Eu estudei até no meu ensino médio no supletivo. Eu tive um problema familiar, separei do meu marido e aí depois nós dois voltamos. E quando eu voltei, eu decidi que eu iria voltar a estudar e aí ele já não queria mais né! [...] eu falei – eu vou estudar e ponto! Aí eu voltei a estudar, eu falei- eu não vou ficar mais dentro de casa cuidando de filho né! E tendo problema com o marido. Eu vou voltar a estudar! Eu vou mudar de vida. (Entrevista realizada com a ex-aluna Sílvia realizada no dia 22 de janeiro de 2014).

Apesar de haver lacunas temporais em sua formação, o estudo significou mudança de vida para Sílvia. Antes de ter problemas em seu casamento, ela não tinha desejo de voltar a estudar. A separação propiciou a vontade de ter uma nova vida. Ser apenas dona de casa já não fazia tanto sentido para ela. O estudo, antes negado por Sílvia, passa a significar mais independência e autonomia. Antes, talvez, era visto como não tão necessário por ela, por ter sua vida familiar bem estruturada. Mas, com a vontade de ter uma nova vida, o estudo passou a ser primordial.

Assim, Sílvia volta a estudar na EJA (Educação de jovens e adultos) em regime supletivo. Esse estudo foi um meio mais rápido que encontrou para terminar seus estudos e entrar na universidade. De acordo com Soares (2002, p. 77):

O importante a se considerar é que os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos, muitos deles trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de (re) inserção no mercado de trabalho e com um olhar diferenciado sobre as coisas da existência [...]

A EJA é uma modalidade da educação básica que pode proporcionar ao seu aluno, jovem e adulto, a oportunidade de ter de volta a escolarização, que não conseguiu realizar antes. O aluno da EJA apresenta um olhar diferenciado para o seu estudo, para a vida como um todo, diferente daquele aluno que estuda em caráter regular.

O olhar de Sílvia para o seu estudo, nesse momento de retorno à sala de aula, é um olhar de mudança, de uma nova vida com mais autonomia. Em sua narrativa escrita, ela afirma:

Para mim a faculdade e o curso de História foi um divisor, um marco na minha vida, pois sai de uma rotina do lar onde era completamente submissa a marido e filhos para uma nova realidade onde pude viver mudanças e transformações jamais imaginadas. A faculdade de História me ajudou financeiramente, pois após problemas na área financeira o meu salário contribui significativamente para as despesas familiares. (Narrativa escrita de Sílvia).

Voltar a estudar para Sílvia significou não só independência, mas uma ajuda financeira em casa. Em sua juventude, ela não queria estudar, pois sua atenção era voltada para a família. Mas, com o tempo, foi se tornando uma esposa submissa. Logo após se separou do marido. Foi o desejo de mudar de vida que a levou para a EJA para concluir seus estudos. A juventude foi de mais liberdade, já a vida adulta, de esposa, foi de submissão.

A respeito da decisão sobre o curso de História, Sílvia explica:

Eu fiquei indecisa entre Letras e História. Que eu pensei, eu falei, eu tenho que partir para essas áreas aí, que não tem muita química, nem muita física, que eu não dominava e não domino até hoje muita coisa. [...] Parti para a História pensando que seria um curso mais fácil. (Entrevista realizada com a ex-aluna Sílvia no dia 22 de janeiro de 2014).

Esta opção pelo curso de História esteve atrelada à ideia de parecer um curso mais fácil do que o de Letras:

Eu lembro dos professores de História, eu não consigo lembrar dos meus outros professores. [...] Ai eu lembro da professora de História lá do Estadual, lembro lá do CEJA, que eu estudei no CEJA, que era a Sueli. Eu adorava as aulas da Sueli. Então eu acho assim, que mesmo lá no meu inconsciente eu sempre gostei de História mesmo sem saber. (Entrevista realizada com a ex-aluna Sílvia no dia 26 de fevereiro de 2014.).

Já em sua narrativa escrita, Sílvia diz que: “A escolha do curso de História na época foi por acaso, mais logo em seguida, fui me familiarizando com as disciplinas e professores do Campus Catalão (História) pelos quais tenho grande admiração.” (Narrativa escrita de Sílvia).

Há uma contradição aqui: anteriormente, ela afirmou que houve um critério de escolha, que foi a facilidade. Porém, em sua narrativa escrita atribui ao acaso sua ida para o curso de História. As lembranças se misturam, bem como o significado de suas escolhas. O gosto pela História existia desde o ensino médio. Porém, Sílvia pensa de maneira mais prática no momento de escolha do curso, acreditando ser a facilidade e/ou o acaso.

A vontade de mudar de vida é algo que Sílvia enfatiza em sua trajetória formativa, o que a levou para a docência.

Foi essa necessidade que eu tinha né. Lá no ensino médio, essa necessidade que eu tinha. Igual eu falei para você, antes eu não dei muito valor. [...] vou falar do EJA que é o que eu mais lembro.[...] eu falei é a última oportunidade que eu tenho de mudar de vida. Se não o que vai acontecer? Daqui a alguns dias eu vou estar aí, muito mais velha, não tem nem ensino médio, não tenho

nada. E aí, eu via a faculdade aqui só crescendo com esse monte de curso. Eu falei, eu tenho que fazer alguma coisa. (Entrevista realizada com a ex-aluna Sílvia no dia 22 de janeiro de 2014).

O desejo por uma nova vida, com mais autonomia, tornou Sílvia uma professora, que busca se especializar cada vez mais. Ela diz que pensa em fazer mestrado em História. Atualmente, é professora da rede estadual de ensino, trabalhando com a EJA e a educação regular.

A biografia educativa de Sílvia aponta uma formação centrada em motivações por uma nova vida, com mais liberdade e reconhecimento da valorização do estudo. A formação de Sílvia foi além da EJA. Foi uma trajetória de formação tecida no âmbito familiar, onde ela, de mãe e esposa, tornou-se professora. As dificuldades matrimoniais e as necessidades enfrentadas em casa a conduziram a querer ir além do que ela era. Essas escolhas, ao que tudo indica, foram escolhas acertadas, pois, hoje, ela é uma professora que quer estudar mais e ajuda nas despesas domésticas. Foram momentos de crescentes e positivas transformações.

Sobre sua formação ao longo da vida, Sílvia fala que é uma mulher de sonhos e de mudanças, que buscou mais liberdade.

### ***Isabela***

Isabela nasceu em junho de 1967 em uma fazenda da comunidade rural Mata Preta, em Catalão-GO. É a filha mais velha de quatro irmãos. É casada e mãe de uma filha. Viveu na fazenda até os três anos de idade e depois se mudou para Catalão. Sobre a vinda para Catalão, ela diz que o motivo foi o casamento de seus pais, ou seja, o casamento de seus pais estava em crise e vindo para a cidade, ele poderia melhorar. Todavia, eles se separaram posteriormente.

Em seu tempo de infância e juventude, no ensino médio e fundamental, Isabela nos diz que era

“CDF”, excelente aluna! Notas altíssimas (risos). Era a que sentava na frente, caladinha, tímida; acho que eu melhorei bastante depois da faculdade né! Essa questão da timidez, porque eu era muito tímida, muito calada, muito fechada. (Entrevista realizada com a ex-aluna Isabela no dia 03 de fevereiro de 2014. Destaque da entrevistada).

A seriedade com os estudos e a timidez são marcas na trajetória formativa de Isabela. Como os demais sujeitos desta pesquisa, ela também destaca a importância de seus professores para a sua formação, especialmente os do ensino fundamental e médio.

Isabela diz que, quando jovem, participava de grupo de jovens da Igreja e na escola participou do grêmio estudantil.

Eu me apego demais. Acho que o grupo de jovens, a Igreja foi assim também. Escola também. Eu sempre fico lembrando assim, eu penso que eu era muito tímida, mas ao mesmo tempo, eu estava presente nessas questões. Grêmio estudantil né, eu lembro no Estadual. (Entrevista realizada com a ex-aluna Isabela no dia 03 de fevereiro de 2014).

Ela foi uma jovem militante, tanto na religião quanto na escola, apesar da timidez, ou seja, a timidez não foi um problema que a privasse de se expressar, de atuar nos ambientes que frequentava.

Em sua narrativa escrita, Isabela afirma:

Quando eu fui para o 2º grau (hoje ensino médio), fiz curso técnico em secretariado enquanto minhas colegas fizeram magistério. Casei aos 18 anos, tive uma filha que é única. Mais ou menos 06 anos depois voltei a estudar. Entrei na Universidade Federal de Goiás- Campus Catalão, no curso de História. (Narrativa escrita de Isabela).

Ficar um período sem estudar, dedicando-se mais à família, é também uma característica na história de vida de Isabela.

Porém, posteriormente, Isabela volta a estudar, já na UFG/RC:

É que eu sempre gostei de estudar, que pela própria condição familiar assim, eu não tinha perspectiva de estudar em outro lugar. Acho que é após o casamento que vem essa possibilidade né. Eu ficava em casa com a minha filha, ela começou a estudar e me abriu uma possibilidade de retornar e a universidade também chamava muito assim, [...] a questão de você continuar os seus estudos, que a gente não tinha possibilidade de ir para outra cidade, para outro estado, para fazer outro curso. Tanto é que eu não lembro assim de eu dizendo o que eu queria ser; eu só não queria ser professora. Então, eu acho que qualquer outra possibilidade que tivesse passado pelo meu caminho, eu tinha corrido. Só que não veio, veio o quê? O casamento né, eu acho, só que esse casamento me deu a oportunidade. (Entrevista com a ex-aluna Isabela no dia 03 de fevereiro de 2014).

Além de ficar um tempo sem estudar ela explica que não queria ser professora, e, apesar de afirmar que gostava de estudar, que sempre foi uma boa aluna, não tinha interesse pela docência.

A família corresponde a um espaço importante não só de afetos e vivência, mas de escolhas. Isabela escolhe voltar a estudar quando a filha começa a estudar. Da família partem as decisões de suas vontades e sonhos.

Sobre a escolha pelo curso de História, Isabela salienta que:

Aí apareceu o curso de História, era de manhã, fiquei meio em dúvida se era História ou Geografia. [...] Então, a gente tem um grupo de amigos, eu e meu marido, no caso, eram mais amigos dele do que meus né! [...] na verdade todos faziam geografia. E assim num dia, a gente conversando sobre isso, eu ia fazer inscrição para o vestibular e aí ficou até a disputa História ou Geografia, História ou Geografia, aí a questão de voltar a estudar e tal, eu acabei optando pelo curso de História por ele ser de manhã de certa forma né, que ele era de manhã, diurno, durante o dia. Então, isso foi um critério que eu usei na época para estar escolhendo o curso de História. Acho que pesou aí né [...]. (Entrevista realizada com a ex-aluna Isabela no dia 03 de fevereiro de 2014).

O critério de escolha não é necessariamente pela profissão, mas por um motivo prático. Talvez um curso diurno fosse mais fácil para ela conciliar com seu papel de mãe e esposa, já que sua filha estava iniciando sua escolarização. Não era somente fazer um curso desejado. O contexto familiar era também levado em consideração no momento de escolha.

Em síntese, a biografia educativa de Isabela indica que ela sempre prezou pelos seus estudos, sendo boa aluna, gostando de estudar. Fez o curso de secretariado, mas não pensava em ser professora. Talvez pela sua timidez, que nunca foi motivo de impedimento, e pelo receio de ter alunos que não gostassem de estudar. Apesar de tímida, Isabela foi uma pessoa ativa socialmente, participava de grupo de jovens na Igreja e do grêmio estudantil. Sua trajetória formativa foi gestada de maneira mais significativa na família, optando por fazer um curso que ela pudesse conciliar com suas atividades em casa. A respeito de sua formação ao longo da vida, Isabela aponta a família, a inserção na Igreja e no grêmio estudantil como pontos formadores e que exerceram influência em sua prática na sala de aula. Ela é uma professora que busca aprender mais, apesar de não pensar em tal ofício. Atualmente, é professora efetiva de História da rede estadual de ensino do Estado de Goiás.

### *Lia*

Lia nasceu na zona rural, município de Catalão. Veio para a cidade quando tinha aproximadamente sete anos. É a filha mais nova de sete irmãos, com uma grande diferença de idade. Atualmente, é solteira e mora com sua mãe, pois seu pai já é falecido.

Lia nos diz que teve “uma infância como de uma criança de uma cidade e bairro pequenos (para a época) com muita brincadeira de rua: carimbada, pegador, salada de frutas, adedonha, jogos esportivos dentre outras”. (Narrativa escrita de Lia).

Começou a estudar com seis anos:

Então assim, como acho que o bairro ainda era pequeno, acho que a gente tinha uma aproximação maior mesmo com a turma; eram as minhas sobrinhas devido a diferença de idade... os colegas de sala eram os meus sobrinhos. Então acho que assim foi tranquilo. O processo foi bem tranquilo mesmo. Também assim, a vida toda foi a mesma turma do Nilda Margom, do Polivalente<sup>8</sup>. [...] somos amigos até hoje. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014.).

O ambiente familiar esteve unido ao ambiente escolar na vida dela. Talvez por isso considere esse momento como um processo tranquilo, afinal, ela crescia e aprendia em um ambiente familiar e de brincadeiras.

Os professores são sujeitos importantes na vida de Lia. Ela esclarece que a postura rígida dos mesmos foi importante para a sua formação.

Eu acho que era muito diferente né até o processo inicial. E eu acho que isso foi muito positivo, hoje eu vejo isso de forma positiva, professores mais rígidos e assim, eu vejo isso positivo porque em relação às turmas que eu tenho hoje, por exemplo, é muito difícil. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014.).

A rigidez dos professores foi significativa na trajetória formativa de Lia. Ela conseguiu ter um bom processo de ensino-aprendizagem no contexto em que estudou. Comumente, a rigidez é vista como algo negativo na educação. Porém, pelo que Lia expõe, essa rigidez pode se referir ao fato do professor ter controle sobre a sala, ministrar o conteúdo ao aluno recebendo o respeito do mesmo.

O ambiente de formação de Lia era permeado não só pela família, pelas brincadeiras, mas também pelo compromisso de estudar, nesse período ela teve professores que foram importantes em sua trajetória formativa.

Em relação ao curso de História, Lia afirma:

eu nunca fui muito boa nas exatas e pensava: então eu não vou fazer Matemática. Geografia, meu cunhado fazia Geografia e eu falava assim ah! Eu também não quero fazer Geografia! Ah, então História. Ah Pedagogia na época, ah não! [...] então assim eu fui fazer História. Pensei, vou fazer História, mas como toda adolescente eu queria fazer Direito. Eu queria fazer tudo menos ser professora! Mas assim sempre teve um paralelo até um pouco engraçado porque assim, sempre teve como brincadeira de todas as meninas, sempre teve a “escolinha” na brincadeira infantil [...]. Acho que eu

---

<sup>8</sup> Escola Municipal Nilda Margom Vaz e Colégio Estadual Polivalente Dr. Tharsis Campos.

me dispus a estar ali e concluir o curso. Então isso mesmo foi só passageiro. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014).

Já em sua narrativa escrita sobre esse momento, explica que: “[...] as opções eram poucas e até mesmo a minha estrutura psicológica (para ir para outra cidade tentar outro curso) então o início da minha graduação foi um tanto quanto frustrante, mas ao mesmo tempo me sentia contagiada pelo mundo da História e da Universidade.” (Narrativa escrita de Lia).

Segundo Lia, ela queria fazer o curso de Direito, não desejava ser professora. Como estudar em outra cidade era algo difícil, decide fazer História. A opção pelo curso de História não foi algo negativo para ela, que passou a se interessar cada vez mais pelo mesmo durante a graduação, apesar do início difícil, talvez pelas inseguranças e desafios comuns a todo início de curso. Foi uma escolha feita por “eliminatória”, mas que revelou certo gosto pela História e pela sala de aula, que talvez não fosse percebido devido à idealização de outro curso.

Lia se tornou professora depois do curso de História, sendo aprovada em concurso público. Começou a trabalhar em Luziânia, deixando a casa de seus pais nesse momento de mudança:

Eu acho que pessoalmente a gente cresce tendo vivências. Hoje com 32 anos eu consigo pensar nisso; ah pelo fato de nunca ter atuado na educação, nunca ter saído da casa dos pais e ter que sair para trabalhar, que eu fiquei em Luziânia dois anos e meio, que no concurso eu fui aprovada lá, depois que eu mudei para cá. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014).

A experiência de sair da casa dos pais e ir morar em outra cidade para trabalhar é enfatizada como um momento formativo.

Segundo Cunha (1997, p. 3):

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou a “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência.

Viver em Luziânia representou mais autonomia e independência para Lia. Ela, ao narrar essas vivências e experiências, conseguiu compreender que aprendeu bastante enquanto ser humano.

Além disso, destaca em sua entrevista que, atualmente, cuida muito da mãe: “porque assim, eles (irmãos) acabaram que agregaram toda a responsabilidade dela a mim porque ah

eu moro com ela, eu sou a filha mais nova”. Cuidar da mãe está sendo um elemento formador para Lia também. A dinâmica de vida dela, ou suas responsabilidades familiares incluem zelar por sua mãe. O lado profissional está interligado ao lado pessoal. Sobre isso, Nóvoa (2007, p. 17) afirma que: “É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal”. Assim como Sílvia e Isabela, além do trabalho, Lia, ao cuidar da mãe, nos mostra a imbricação entre a vida pessoal e a profissional.

Hoje, Lia é professora da rede estadual e trabalha com os ensinos fundamental e médio. Ela deseja se aperfeiçoar mais, fazendo curso de mestrado em História. Além disso, em sua vida pessoal, sonha em ser mãe.

Foi uma aluna que teve professores mais rígidos e pensa que isso foi importante em sua formação. Não pensava em ser professora, apesar das brincadeiras de escolinha.

O curso de Direito foi uma idealização, mas passageira. O curso de História foi a opção que, dentre as existentes na UFG/RC, no momento, foi a que mais lhe agradou. Além disso, o cuidado com a mãe faz parte de sua dinâmica diária, afinal, por ser solteira e morar com sua mãe, assume várias responsabilidades em casa em relação ao zelo com a mesma.

Sobre sua formação ao longo da vida, Lia indica como elementos importantes a família, os amigos, um curso que ela aprendeu a gostar e que lhe proporcionou muitas aprendizagens, como trabalhar em outra cidade, por exemplo. E também ressalta o cuidado com a mãe como elemento importante em sua vida.

### ***Professora-formadora Luana***

Luana nasceu em Rio Paranaíba, interior de Minas Gerais, onde viveu na zona rural, até os onze anos. Depois, mudou-se com sua família para Carmo do Paranaíba, também em Minas Gerais. Estudou em escola pública. É casada e tem um filho.

Iniciou sua escolarização com sete anos na escola da zona rural, que era multisseriada. Estudou nesta escola do 1º ao 4º ano. Sobre esse momento, bem como sobre sua infância, ela explica:

A gente morava longe da escola, é claro, eram 6 km da minha casa, a gente ia a pé num tempo, mas assim, a gente tinha do ponto de vista da humanização, a gente tinha um processo muito interessante, que é aquela coisa que os vizinhos que moram para lá da casa da gente vão passando tudo na casa dos moleques que ficam no caminho para tudo mundo ir junto. Então era uma coisa bastante agradável tanto as idas quanto as estadas na escola. Eram colegas que a gente se conhecia muito bem, a gente conhecia toda

família de todo mundo, o professor também era da região, então ele conhecia todas as famílias, os problemas de todo mundo. [...] Eu nunca vi a minha experiência de escola rural multisseriada como sendo uma experiência negativa de escolarização; muito pelo contrário. (Entrevista realizada com a professora-formadora Luana no dia 13 de março de 2014).

Esse período da infância e o início da escolarização de Luana foram marcados por momentos felizes, com a união dos colegas e das famílias. Podemos compreender que Luana começou a estudar com alegria. Além disso, a escolarização estava unida a laços de amizade.

Pelo fato de haver união e as amizades, estudar para Luana era algo bastante agradável. A região rural onde morava era caracterizada pela união dos vizinhos, que foi positiva para formação humana de Luana. Ou seja, a formação estava acontecendo não só dentro da escola, mas fora dela também, com os laços de amizade.

Depois desse momento, mudou-se para Carmo do Paranaíba terminando sua escolarização básica em uma escola pública. Anos depois, fez vestibular para História e foi aprovada em primeiro lugar em uma universidade particular da cidade. Sobre a opção pela História, ela diz que:

O meu desejo naquela época era fazer Direito. Porque eu sempre fui muito briguenta (risos). Na época, eu já era envolvida com as questões lá na minha cidade e tal, então eu queria fazer Direito. Mas, como eu não tinha a possibilidade de mudar lá da minha cidade, a minha família não tinha como mudar, eu não tinha como mudar de lá sozinha, porque assim, a minha família naquela época não via a possibilidade de eu me mudar sozinha sem nenhuma estrutura financeira para outra cidade para fazer esse tipo de curso [...]. E aí eu fiquei em dúvida; quando eu fui prestar vestibular entre História e Biologia [...] eu coloquei História como primeira opção, que acabou que é o que pesava mais, eu gostava um pouquinho mais de História e coloquei Biologia como segunda opção. E eu passei em História e fiz o curso [...] eu me empolguei mesmo pelo curso (Entrevista realizada com a professora-formadora Luana no dia 13 de março de 2014).

Vemos aqui a questão do Curso de História não ser a primeira opção profissional também para Luana. Mas, entre História e Biologia, prevaleceu a primeira pelo fato de o curso de História apresentar uma abordagem social mais intensa. Como ela era ativa socialmente em sua cidade o curso de História era o que mais poderia oferecer reflexões sociais, mais consciência crítica, além do fato de ela gostar muito de História desde sua escolarização básica, conforme nos relatou.

Quando Luana iniciou o curso de História, também começou a trabalhar. Nesse momento, trabalhou como professora de educação artística em um colégio particular em sua cidade e dava aulas de substituição também. Assim que terminou o curso de História, passou

em concurso público para professor em Uberlândia na rede estadual. Ela também ministrou aulas na UFU – Universidade Federal de Uberlândia -, como professora substituta.

Luana, portanto, trabalhou e estudou simultaneamente. O trabalho era algo formativo para ela, além da família, o curso de graduação em História e as amigas.

Fez mestrado e doutorado em História em São Paulo e pesquisou sobre trabalhadores rurais no mestrado e trabalhadores urbanos no doutorado. Acerca disso ela ressalta que:

A ideia inicial de trabalhar era com os trabalhadores rurais [...] Quando eu estava indo para o sindicato dos trabalhadores rurais um dia fazer entrevista, eu passei lá perto do moinho de trigo (Uberlândia), eu vi os chapas lá carregando e descarregando os caminhões. Ai, eu resolvi bater papo com eles e me interessei pelos chapas e falei vou largar os trabalhadores rurais por enquanto [...] (Entrevista realizada com a professora-formadora Luana no dia 13 de março de 2014).

Luana se mostra interessada por questões sociais em suas pesquisas ao se dedicar ao estudo da vida dos trabalhadores, sejam eles rurais ou urbanos.

A experiência da escola multisseriada foi muito significativa não somente quanto à questão da aprendizagem, mas pela união entre os colegas e a presença de um professor que conhecia bem seus alunos.

Luana desde o ensino médio foi uma pessoa engajada socialmente. Nesse contexto, o curso de Direito era sua primeira opção, mas as dificuldades impediam a realização do mesmo.

Ela apresenta como formação ao longo da vida a importância da família, da união dos colegas, de professores que reconheciam quem eram seus alunos e a inserção nas lutas sociais. Certamente, leva isso para suas aulas, pois é constitutivo de sua identidade docente.

O curso de História na UFG/RC surgiu na vida de Luana no momento em que ela se firmava na carreira universitária. Atualmente, é professora do curso de História da UFG/RC, tendo sido aprovada em um concurso público e começado a dar aulas na UFG/RC em 1995.

### ***Professora-formadora Renata***

Renata nasceu em Tupaciguara, interior de Minas Gerais. Ainda quando criança se mudou para Uberlândia. Até a pós-graduação, sempre estudou em escolas públicas. É casada e tem um filho. Ela diz que foi alfabetizada em casa:

Aprendi a ler e escrever com a minha irmã. Ela me ensinou a ler e escrever com 6 anos de idade. E eu entrei na escola já sabendo ler e escrever. Fui para o 1º ano em Tupaciguara. Eu fiz o meu 1º ano lá [...] Eu fiz o 1º ano com 6 anos. Não era comum porque as crianças entravam com 7 anos, mas como eu já estava alfabetizada, eu já entrei já no 1º ano, então isso deu uma diferença aí para o resto da vida né, assim, tanto é que eu entrei para a universidade, eu tinha 17 anos. Eu fiz vestibular com 16 e já entrei na universidade com 17 anos por esse fato, de já ter sido alfabetizada antes. E aí depois, no 2º ano eu já fui para Uberlândia. (Entrevista com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

O início da escolarização de Renata esteve ligado às suas vivências familiares, ou seja, a sua vida estudantil começou em casa. Sobre as vivências no período da escola, Renata aponta:

Eu sempre tive também muita autonomia, sempre estudei muito sozinha, sempre fiz os meus trabalhos. Essa coisa do grupo também, sempre fui muito sociável. Então, fazia trabalhos de grupo em casa, tanto em casa quanto na escola, nunca tive assim, dificuldades em relação a isso. Mas sempre tendi mais para as humanas. Matemática, essas áreas assim mais das exatas, não é que eu não gostava não. Às vezes até gostava um pouco! Gostava de Biologia, gostava dessa coisa mais da genética, isso era uma coisa assim que me atraía muito, essa coisa das origens. Depois eu fui buscar as origens lá na História... (risos). (Entrevista com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

Ela expõe o gosto pela área das humanas em relação às exatas, mas se diz também curiosa pelo tema das origens humanas.

Além disso, a respeito de sua infância e escolarização, Renata salienta:

A minha mãe trabalhava, ela era doméstica. E um tempo em Uberlândia, assim, era muito difícil, a dificuldade mesmo de ter o material escolar, isso eu me lembro e da mamãe ter que pedir ajuda. Ela trabalhava na casa paroquial e às vezes, os padres me ajudavam né assim; o monsenhor. Ela (mãe) sempre fala assim \_ “o monsenhor era quem comprava o material para você”! E tal! Então essas dificuldades assim, mais de ordem financeira mesmo né, para ter o material, para comprar uniforme. Eram três mulheres, duas mulheres e uma criança numa cidade nova, que a gente não tinha família por perto! A dificuldade era mais da vida mesmo do que do processo de dentro da escola. Mas eu acho também por outro lado, essas dificuldades, elas me ajudaram também a valorizar mais ainda aquilo que eu tinha né, então a escola era um espaço para mim maravilhoso. (Entrevista com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

As dificuldades financeiras foram fatores presentes na infância de Renata. Essas dificuldades foram formativas, o que a fez valorizar os estudos. A escola se tornou mais que um ambiente de aprendizagem científica. Era um espaço onde ela poderia ter mais

mecanismos para superar suas dificuldades, e não ficar sozinha quando sua mãe e irmã trabalhavam.

Ao terminar sua escolarização básica, fez vestibular para Estudos sociais, habilitação História, com 16 anos, na UFU, e foi aprovada, formando-se em 1987.

Renata diz que começou a trabalhar aos 11 anos. Ela trabalhou como babá, secretária de dentista, estagiária na Caixa Econômica Federal, numa livraria, quando fazia sua graduação, e na casa da cultura em Uberlândia.

Podemos perceber que ela trabalhava e estudava ao mesmo tempo, e isso, certamente, foi formativo para Renata.

A respeito da docência, ela afirma que foi na metade do curso que lhe despertou o desejo de ser professora. Começou a trabalhar como professora de História em duas escolas particulares em Uberlândia.

Após a graduação, Renata fez duas especializações. E, nesse momento, ela afirma que uma amiga sua que dava aulas em uma universidade particular havia passado em um concurso público em Catalão. E essa amiga passou para Renata as aulas nessa universidade particular, no curso de Estudos sociais, e, depois, no curso de jornalismo. Sobre isso, Renata explica:

Então ela veio para cá e passou para mim as aulas dela lá no curso superior. Então eu comecei a dar aula no curso superior com 22 anos, eu era da idade dos meus alunos (risos), ai eu me encontrei, nossa é isso! Eu achei maravilhoso trabalhar com adulto e foi muito legal. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata).

Renata se “encontrou” ao se deparar com a docência no ensino superior. Ela fez mestrado em História na PUC-SP e doutorado em Semiótica na mesma universidade. No mestrado pesquisou sobre rádio e, no doutorado, sobre crônicas.

No ano de 1995 veio de Uberlândia para exercer a docência em catalão. Ela fez concurso para professora substituta na UFG/RC e foi aprovada.

Renata tem como características de sua formação ao longo da vida a família, o trabalho desde jovem, as dificuldades financeiras para estudar, o trabalho docente universitário. O curso de História foi uma oportunidade que surgiu em sua vida, e ela aproveitou.

## ***Professor-formador Israel***

Israel nasceu em Itapuranga, interior de Goiás. Viveu sua infância e adolescência no interior até se mudar para Goiânia, quando fez o curso superior. Foi aluno de escolas públicas em quase todo momento de sua escolarização.

Sobre a sua infância e início de sua escolarização, ele esclarece:

Eu já fui para, naquela época falava pré, já alfabetizado. Ao lado da casa da minha avó materna tinha uma senhora, a Aidê, que tinha uma escolinha particular e como o divisor era uma tela, eu ficava brincando e vendo ela dar aula para os meninos e aí acabei conseguindo que a minha mãe me colocasse lá para ser alfabetizado. Na verdade aquilo era uma diversão. Então quando eu fui para o Instituto São Lucas [...] a Caminho Suave eu já sabia ela de cor e salteado, que era a cartilha da época da alfabetização. (Entrevista realizada com o professor-formador Israel no dia 31 de março de 2014).

O começo da escolarização de Israel aconteceu com brincadeiras, em um ambiente familiar. E quando foi para a escola já estava alfabetizado. A formação de Israel foi gestada na família e nas brincadeiras de infância. E ele ressalta isso como algo positivo.

Ele expõe que:

Minha mãe era semi-analfabeta e meu pai analfabeto. Então, lá em casa era obrigação, a gente tinha que primeiro fazer tudo quanto é tarefa, o “para casa”. Depois do “para casa” que a gente podia se virar no meio do quintal. Mas antes a obrigação era estudar. E alguns irmãos também seguiam essa rotina de ir para a escola já alfabetizado. (Entrevista realizada com o professor-formador Israel no dia 31 de março de 2014).

A rotina na infância de Israel era de estudos. Somente depois dos deveres escolares ele e seus irmãos podiam ir brincar no quintal da casa. O quintal representava o lazer, a brincadeira. Os estudos eram estabelecidos pelos pais como prioridade, obrigação e só depois eram permitidas as brincadeiras.

Podemos inferir que essa rigidez com os estudos demonstrada pelos pais de Israel se devia ao fato de os mesmos não terem a escolarização básica concluída. O que seus pais não possuíam, eles queriam que seus filhos tivessem.

Após a 4<sup>a</sup> série, Israel mudou de escola. Foi para outra escola em sua cidade e terminou o ensino médio. Ficou quatro anos sem estudar, apenas trabalhando em uma empresa. Decidiu voltar a estudar. Fez vestibular para História na PUC-GO, na cidade de Goiânia.

Em Goiânia, trabalhava e estudava. Porém, deixou o curso de História por questões financeiras e decidiu fazer vestibular para o curso de Ciências Sociais na UFG, também em Goiânia. Nesse momento, ele diz que deixou de trabalhar e ficou apenas estudando.

Eu tinha na minha cabeça que eu queria estudar. A partir dessa época eu peguei minha economia, tudo que eu tinha, naquela época a poupança dava um juro bom, um “engano bom” e fui estudar. Terminei Ciências Sociais [...] e prestei seleção para mestrado em Sociologia na Universidade Federal de Minas Gerais. (Entrevista realizada com o professor Israel no dia 31 de março de 2014).

Israel prioriza os estudos, utilizando suas economias e investindo em si próprio, em sua formação e/ou profissionalização.

Em 1996 houve concurso na UFG/RC para professor de Antropologia. Israel decidiu fazer este concurso e foi aprovado.

A biografia educativa de Israel demonstra que ele veio de uma família que prezava os estudos. Seus pais eram analfabetos e isso propiciou a ele e seus irmãos um ambiente de valorização dos estudos. A infância cheia de brincadeiras, a valorização dos estudos, o trabalho, a determinação de estudar são elementos na trajetória formativa de Israel. E, na UFG/RC, participou de vários momentos do curso, contribuindo para seu crescimento.

### ***Professora-formadora Elisa***

Elisa é mineira de Araguari. Na infância, morava com os avós. Em grande parte de sua escolarização, estudou em escolas públicas. Posteriormente, mudou-se para Uberlândia para estudar e trabalhar. No momento, é solteira e mãe de dois filhos.

Sobre o início de sua escolarização, ela expõe que começou a estudar com sete anos. Um detalhe que ressalta sobre esse momento é:

Eu brinco que eu sou da geração que teve o privilégio de ter sido alfabetizada pela Vila Sésimo (programa infantil) na televisão. Eu aprendi a contar e fui alfabetizada pela Vila Sésimo. Quando eu cheguei na escola, eu já tinha noções de números e de letras por conta da televisão. (Entrevista realizada com a professora-formadora Elisa no dia 08 de abril de 2014).

Apesar de frequentar escolas diferentes, uma de 1ª à 4ª série e, outra, de 5ª à 8ª, ambas eram escolas públicas. Nesse período, ela destaca a importância da literatura em sua formação: “comecei a gostar de poesia na 3ª série. Não esqueço os poemas da Cecília

Meirelles até hoje. Leilão de jardim me acompanhou a vida inteira”. Além de brincar, de assistir TV, Elisa era uma criança que gostava de ler poesias, de estudar. Ela afirma que começou a trabalhar muito cedo, com dez anos de idade, como babá, empregada doméstica e na lavoura de café.

No ensino médio, fez o curso técnico em contabilidade em uma instituição particular. Depois desse momento, realizou o primeiro vestibular.

Meu primeiro vestibular foi para Administração de empresas. [...] Eu precisava sair de casa, eu queria sair de casa. E eu tinha que fazer uma coisa em Uberlândia que não tivesse em Araguari. E Araguari tinha a faculdade de Ciências Humanas, Filosofias e Letras. Na realidade, o meu grande sonho era fazer Filosofia, como não tinha Filosofia na região, eu quis fazer Letras. Eu queria né, fazer Letras, em função da Literatura, mas não podia. Tinha que fazer algo que não tivesse em Araguari. Ai fui para Uberlândia contra a vontade de todo mundo para prestar vestibular para administração [...] eu não passei no vestibular né! (Entrevista realizada com a professora-formadora Elisa no dia 08 de abril de 2014).

A professora tem um percurso também complexo para chegar à História: sonhava com Filosofia e Letras, mas investiu em Administração. Ela queria mudar de cidade, de vida.

A respeito do curso de História, Elisa afirma:

Eu morei um ano em Uberlândia, nessa época, fazendo cursinho e trabalhando. Lá eu trabalhava como auxiliar de escritório numa loja de material elétrico. E ai eu conheci uma professora de História. Foi a minha grande influência, era uma figura assim fabulosa. Aliás, eu já tinha tido uma professora de História no ensino fundamental que eu gostava muito. E ai eu decidi então, já que não dava para ser Filosofia, o que mais se aproximava da Filosofia era a História [...] e resolvi fazer História então [...] em 1985. (Entrevista realizada com a professora-formadora Elisa).

Ela começou o curso de História em 1986 na UFU. Diz que houve algumas dificuldades com relação aos professores no primeiro semestre, que logo foram superadas. Afirma que ali, no curso, descobriu-se como historiadora:

Eu particularmente quando eu rememoro a minha trajetória, foi o momento que eu me encontrei no mundo enquanto pessoa. Foi quando eu li a assim chamada “Acumulação primitiva do capital”, porque eu me descobri trabalhadora, eu entendi a minha condição no mundo como trabalhadora, eu entendi uma série de coisas. Ai eu entrei para o movimento estudantil, eu entrei para o partido, entrei para o Partido dos Trabalhadores, dentro de uma corrente de esquerda, que era o trabalho [...] a partir daí não parei mais né. Foi esse, um momento assim, de ruptura na minha trajetória humana mesmo. (Entrevista realizada com a professora-formadora Elisa no dia 08 de abril de 2014).

A leitura do texto de Marx é considerada significativa para a professora Elisa. Além disso, ela ingressa no Partido dos Trabalhadores (PT) e no movimento estudantil. Segundo Josso (2010, p. 38), “a formação descreve os processos que afetam nossas identidades e nossa subjetividade. Ela indica, assim, um dos caminhos para que o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e seu processo de formação”. Um conjunto de fatores afetou a subjetividade da professora, tais como novos conhecimentos, novas inserções sociais. Assim, ela foi buscando novos espaços de aprendizagem e novas experiências.

Ser historiadora para Elisa estava relacionado à sua postura ativa de militante e de trabalhadora, o que se assemelha aos outros professores formadores desta pesquisa. É possível dizer também que a militância partidária e estudantil foram experiências formativas para Elisa enquanto pessoa, trabalhadora, aluna e historiadora.

No que tange ao trabalho docente, ela diz que trabalhou como professora de história no ensino fundamental em Catalão por seis meses durante a graduação.

Terminada a graduação, Elisa fez mestrado em História na Unicamp pesquisando sobre a revolução de 1930 no Triângulo Mineiro. Nesse período do mestrado, ela trabalhou por um ano, como professora em uma universidade particular em Itú, também em São Paulo. E depois fez doutorado também em História na Unesp – Franca, pesquisando sobre a institucionalização da justiça em Goiás na 1ª república.

A trajetória formativa de Elisa foi sendo construída pelas experiências na família, no trabalho, na universidade, no PT e no movimento estudantil. A entrada na UFG/RC como professora aconteceu em 1993, mediante aprovação em concurso público. Foi uma oportunidade que surgiu quando ela estava no mestrado, a qual ela decidiu aceitar.

Atualmente, Elisa é professora do curso de História e, com suas aprendizagens de militância e convicções teóricas, diz que contribui para o crescimento do referido curso, sendo coordenadora de grupo de pesquisa, orientadora de alunos em TCC – trabalho de conclusão de curso, coordenadora da graduação, etc.

### **Cruzando histórias**

As ex-alunas e os professores-formadores do curso de História da UFG/RC apresentam biografias educativas semelhantes. As histórias de vida deles começam em cidades pequenas do interior de Goiás e Minas Gerais e também na zona rural. E são

constituídas na família, no trabalho, nas dificuldades do dia a dia, na busca dos sonhos e das oportunidades.

Sílvia, Isabela, Lia, Luana viveram seus primeiros anos de vida na fazenda. Posteriormente, mudaram para a cidade. Já Renata, Israel e Elisa viveram em cidades pequenas em Goiás e Minas Gerais. A zona rural, com a escolarização no campo, é um elemento presente na vida deles.

A família corresponde a um elemento comum para todos. Nela, eles se constituem enquanto sujeitos, homem e mulher. Os pais, ora exigentes com a disciplina escolar, ora como lutadores pelo estudo dos filhos são presentes na vida de todos. Eles são aqueles que incentivam os estudos e que lutam para que seus filhos estudem, como é o caso dos pais de Renata, cuja mãe pedia ajuda a terceiros para ela estudar. E de Israel, que por serem analfabetos e não quererem o mesmo para o filho não deixavam que ele e os irmãos brincassem enquanto não estavam fazendo a lição de casa.

A figura do marido também se faz presente no ambiente familiar, especialmente das professoras egressas do Curso de História. No caso de Sílvia, ela chegou a se separar de seu marido por algum tempo, buscou ter uma nova vida voltando a estudar na EJA. E seu marido, por algum momento, não apoiava seus estudos. Mas hoje Sílvia o ajuda financeiramente, o que nos diz que o seu estudo foi importante não só para ela, mas para toda a família. Já o marido de Isabela sempre a apoiou, pois ela voltou a estudar quando a filha começou a escolarização.

A infância para todos corresponde a um momento de brincadeiras e aprendizagens. Sejam elas brincadeiras como escolinha, por exemplo, na história de Lia, programas educativos na televisão, no caso de Elisa, e brincadeiras no quintal, como Israel. As amigas também atravessam as lembranças da infância. Mas, havia o rigor com os estudos, como Israel, que só podia brincar depois de fazer a lição de casa. Ou, ainda, a presença da Igreja, como o exemplo Isabela, que participava de grupo de jovens.

A trajetória de vida das ex-alunas e professores do curso de História da UFG/RC se constituiu também pelo trabalho. Grande parte começou a trabalhar bem jovem, como Elisa, que iniciou no trabalho com dez anos. Os trabalhos vão desde babá a estagiária na Caixa Econômica. Ou seja, antes de serem professores, eles tiveram outras experiências profissionais.

Luana tinha uma postura ativa ante as questões sociais em sua cidade, por isso, talvez, o desejo pelo curso de Direito. Mas, devido a dificuldades de ir estudar em outra

cidade, História foi a melhor opção. Elisa queria cursar Filosofia, mas, impossibilitada, ela opta pela História, devido à aproximação com tal curso.

Podemos inferir que as dificuldades, sejam financeiras ou de mudança para outra cidade, não foram impedimento na vida deles para realizarem sua formação superior. Todos fazem o vestibular e iniciam sua graduação.

Algumas expuseram as dificuldades com as áreas das exatas. Isso está presente nas narrativas de Sílvia, Lia e Renata. Podemos entender que elas possuíam, de certa forma, um gosto e aptidão pelas humanidades que prevaleceu no momento do vestibular.

Somente Luana realiza sua graduação em universidade particular. Os demais estudaram em universidades federais. E apenas Israel não é formado em História, mas possui mestrado e doutorado em História.

Percebe-se também que o curso de História não foi a primeira opção no que tange ao ensino superior para muitos deles. Havia o desejo de cursar outros cursos, como exemplo Lia e Luana, que queriam fazer o curso de Direito. Para Lia, foi uma idealização passageira, pois quando ela começou o curso de História logo gostou. Entretanto, não vimos arrependimento dos mesmos por cursarem História. Ao contrário, há elementos que sugerem que acabou sendo algo de crescimento pessoal e profissional, de inserção em novos espaços, como exemplo Elisa, que foi para o movimento estudantil e o PT. Além disso, com a formação em História, conseguiram empregos no funcionalismo público, nos quais puderam ajudar as suas famílias a mudarem de cidade. Ficaram satisfeitos com a formação que tiveram em História? Arriscamos dizer que sim.

Luana, Renata, Israel e Elisa, continuaram seus estudos, pois eles ingressaram no mestrado e, posteriormente, no doutorado, e ingressaram na docência no ensino superior, simultaneamente. Sílvia, Isabela e Lia permaneceram na rede estadual. A carreira docente foi sendo gestada pelas oportunidades surgidas com o término do curso de História. Todos fizeram concursos para professores, sejam na área estadual ou federal, com certeza pela estabilidade financeira e para a consolidação da carreira.

Podemos entender que todos esses sujeitos, ex-alunas e professores-formadores, são pessoas com sonhos, vontades e aprendizagens. E o curso de História da UFG/RC é o ponto congruente na trajetória formativa de todos eles. Uma junção tecida pelas oportunidades e escolhas.

Na Matemática, temos pontos, retas e planos. Nas trajetórias formativas destes sujeitos, o curso de História da UFG/RC é o “ponto de intersecção” nos “planos” das histórias

de vida de todos eles em determinada época das suas vivências. Um lugar comum que os une por oportunidades e escolhas feitas por diferentes motivos.

Há outras semelhanças nas histórias de vida dos sete professores entrevistados por esta pesquisa. Há também diferenças, certamente. O que pode ser percebido em suas trajetórias de vida. O importante aqui é mostrar que ao abrir o leque das histórias de vida, seja de egressos ou professores formadores, percebemos que a formação não se restringe aos bancos escolares, seja ensino fundamental, médio ou superior. Como já foi dito, os sete professores entrevistados tiveram o Curso de História da UFG/RC como ponto de encontro. Mas os desencontros também não são pequenos, o que me leva a confirmar que a formação é feita por vivências, escolhas e transformações ao longo da vida.

O capítulo 3 irá tratar da concepção de formação na perspectiva dos sujeitos da pesquisa.

### CAPÍTULO III

## CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a compreensão de ex-alunas e professores-formadores do curso de História da UFG/RC, de 1991 a 2004, sobre o processo de formação, especificamente, aquela que surgiu a partir das entrevistas com os sujeitos da pesquisa.

A formação que recebi no curso de História foi voltada para o ensino e pesquisa diante das possibilidades que o curso tinha. Em determinadas disciplinas<sup>9</sup>, em vários semestres, discutíamos a pesquisa de cada aluno colega, no que tange aos aspectos teóricos e metodológicos.

Já as discussões sobre o ensino de História não ocorriam somente nas disciplinas de Estágio Supervisionado, mas, sim, em diversas disciplinas, tais como História Medieval, História Contemporânea e História da América. Ou seja, os professores tinham a preocupação de nos orientar por meio dos conteúdos que eles estavam nos ensinando como ensiná-los no ensino fundamental e médio.

A minha história de formação em História me fez indagar como se deu o processo de formação de colegas e professores-formadores do curso de História da UFG/RC, de 1991 a 2004. Se o curso teve significados para mim, enquanto egressa do mesmo, passou a me interessar as aceções que alunos e professores tinham sobre formação. Especialmente, quando narram suas histórias.

As narrativas podem ser entendidas como um importante instrumento de coleta de dados e análise. Segundo Mombberger (2006, p. 363):

A narrativa realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade significante; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico.

A narrativa pode auxiliar na reflexão sobre os sentidos que os sujeitos produzem sobre suas vivências. Através da narrativa, o sujeito pode tecer um auto-olhar para si, pensar sobre o que viveu e, com isso, estabelecer novas diretrizes para sua vida pessoal e profissional.

---

<sup>9</sup> Disciplinas de Específica, História Medieval e História da América.

Josso (2010, p. 269) salienta que “a narrativa é, antes de tudo, centrada em uma dinâmica interior feita de confrontos, de encontros, de cruzamentos, de choques ocasionados por interações-desejadas ou imprevistas- [...]”. A narrativa tem a preocupação de compreender as dinâmicas existenciais do sujeito que perpassam os encontros, interações, cruzamentos que ele estabeleceu em suas vivências.

A autora esclarece que “as narrativas de formação permitem distinguir: experiências coletivamente partilhadas em nossas convivências socioculturais e experiências individuais; [...]” (JOSSO, 2010, p. 49). Com as narrativas, o pesquisador pode ter acesso às experiências que o sujeito adquiriu em sua esfera individual e em suas interações sociais, o que amplia a compreensão da formação que o sujeito adquiriu ao longo da vida, tanto individualmente, quanto coletivamente. Segundo Bragança (2012, p.121), “a narrativa possibilita a expressão da experiência vivida pelo sujeito, ao mesmo tempo em que a transforma na comunicação intersubjetiva do diálogo, ao ser dita, a experiência se transforma em seus sentidos”.

A narrativa, como coleta de dados, auxilia o pesquisador a entender os sentidos que o sujeito, em sua entrevista, estabelece sobre suas experiências. Segundo Cunha (1997, p. 4):

[...] a produção de narrativas serve, ao mesmo tempo, como procedimento de pesquisa e como alternativa de formação. Ela permite o desvendar de elementos quase misteriosos por parte do próprio sujeito da narração que, quase muitas vezes, nunca havia sido estimulado e expressar organizadamente seus pensamentos. [...] A perspectiva de trabalhar com as narrativas tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma.

O uso da narrativa pode tornar propícia ao sujeito uma ação de autorreflexão. Ele poderá olhar mais para si e pensar em quem é, aquilo tudo que viveu, bem como suas transformações. Podemos entender essa dupla tarefa do uso da narrativa como instrumento de pesquisa para o pesquisador e uma autorreflexão para o sujeito narrador, entrevistado.

Assim, o trabalho com a narrativa oferece ao pesquisador, meios para o entendimento das trajetórias formativas e experiências vividas significativamente pelo sujeito da pesquisa. E, para quem narra, é uma oportunidade de centrar-se em si e pensar em tudo aquilo que foi importante em sua vida, que o faz ser o que é hoje.

Conforme explica Souza (2011, p. 217):

As entrevistas narrativas demarcam um espaço em que o sujeito, ao selecionar aspectos da sua existência e tratá-los oralmente, organiza as ideias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma

autorreflexiva como suporte para a compreensão de sua itinerância, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação.

As entrevistas narrativas são, portanto, um momento de reformulações de suas vivências, de reconstruções de significados, o que poderá contribuir para o entendimento de sua trajetória formativa. Elas podem abordar todo o processo formativo do sujeito, inclusive sua formação no ensino superior. Isso porque a formação no ensino superior também faz parte do processo de escolarização do indivíduo.

### **Escolarização, ensino superior e formação**

A formação no ensino superior faz parte do processo de escolarização, pois nele o sujeito aprende uma nova profissão, um novo ofício, além de novos conhecimentos. Em linhas gerais, podemos dizer que a escolarização compreende todas as etapas de estudo do indivíduo, realizadas em instituições específicas educacionais, desde a educação infantil à pós-graduação. A formação no ensino superior é uma etapa da escolarização que corresponde a uma aprendizagem profissional, a um novo ofício para o sujeito.

De acordo com Sandra Andrade (2008, p. 154): “À medida que os discursos de educação para todos e de educação como direito ganham centralidade nas políticas educacionais, é possível compreender que tais discursos estão implicados com a produção de sentidos em torno do campo da escolarização.”

A escolarização é um território repleto de sentidos para todos os sujeitos envolvidos no processo, tanto para o Estado, quanto para alunos, professores ou trabalhadores em geral da educação.

Em nossa sociedade, cada vez mais globalizada e tecnológica, a escolarização ainda é um elemento importante na vida do sujeito. Sobre isso, Andrade (2008) explica:

[...] permito-me inferir o direito à educação e a própria escolarização como imperativos. Necessidade, obrigação, dever, imposição e direito são discursos que mesclam, se atravessam e se fundem para posicionar a escolarização como um pré-requisito à cidadania. [...] Ser escolarizado, de um modo ou de outro, faz parte deste conjunto normativo que se tornou imprescindível em nossa atualidade.

A escolarização se relaciona à cidadania. Ou seja, a escola pode proporcionar ao sujeito aprendente oportunidades diferenciadas em relação àquele que não estudou. E a

formação no ensino superior, mais conhecimentos e profissionalização. É um novo profissional que estará sendo formado, que poderá fazer a diferença na sociedade.

Então, a formação no ensino superior corresponde a uma etapa de escolarização feita nas instituições de ensino superior que irá fornecer aos alunos a capacitação para uma nova profissão, para novos conhecimentos e novas ações na sociedade. E são diversos os motivos que levam o indivíduo à formação no ensino superior, tais como o gosto pelos estudos, aptidões para a profissão, necessidades financeiras, etc.

As ex-alunas e professores do curso de História da UFG/RC chegaram ao ensino superior por motivos diversos: gosto pelos estudos, aptidão pelas humanidades, dificuldade de ir para outra cidade estudar, oportunidade de emprego surgida. Assim, o curso de História da UFG/RC, de 1991 a 2004, foi um processo de escolarização superior, bem como um lugar de aperfeiçoamento profissional para as alunas egressas e para seus professores. É um lócus, lugar comum, que une essas alunas e professores, um lugar de passagem e formação para todos eles.

### **O curso de História da UFG/RC e o ensino superior brasileiro**

A criação da universidade no Brasil é algo complexo, que envolve questões políticas e sociais. De acordo com Fávero (2006, p. 19):

Basta lembrar que ela foi criada não para atender às necessidades fundamentais da realidade da qual era e é parte, mas pensada e aceita como um bem cultural oferecido a minorias, sem uma definição clara no sentido de que, por suas próprias funções deveria se constituir em espaço de investigação científica e de produção de conhecimento.

A universidade no Brasil, em seu início, foi gestada para a elite da época e não para toda a sociedade. Conforme Fávero (2006), desde o período colonial, imperial e até mesmo no início do período republicano, houve várias ações para a criação de universidades no Brasil. O autor ressalta que “cabe assinalar que na história da educação superior brasileira, a Universidade do Rio de Janeiro é a primeira instituição universitária criada legalmente pelo Governo Federal” (FÁVERO, 2006, p. 22).

Outras universidades foram criadas, tanto na esfera federal quanto na particular. E, assim, o ensino superior foi adotando novas características. De acordo com Martins (2000, p. 42):

O sistema de ensino superior brasileiro passou por expressivas mudanças em sua morfologia. No início dos anos 60, contava com cerca de uma centena de instituições, a maioria delas de pequeno porte, voltadas basicamente para atividades de transmissão do conhecimento, com um corpo docente fracamente profissionalizado. Esses estabelecimentos vocacionados para a reprodução de quadros da elite nacional [...] abrigavam menos de 100 mil estudantes, com predominância quase absoluta do sexo masculino. [...] Nesse processo de mudanças, houve a incorporação de um público mais diferenciado socialmente, o aumento significativo do ingresso de estudantes do gênero feminino, a entrada de alunos já integrado no mercado de trabalho e o acentuado processo de interiorização e de regionalização do ensino.

Não cabe aqui detalhar a história da universidade brasileira. Porém, pontuar que nos anos 1990, período importante para nossa pesquisa, tem-se uma expansão tímida das instituições federais, caracterizadas especialmente pela interiorização das universidades federais, e um crescimento vertiginoso do setor privado (MARTINS, 2000). Ou seja, cresceu a demanda por cursos superiores, mas baixou o investimento governamental em instituições federais.

Sobre isso, Amaral (2008) afirma que:

Os recursos para o investimento nas Ifes em relação ao PIB, apresentaram um perfil de uma queda vertiginosa de 1990 a 1998, de R\$ 508 milhões para apenas R\$ 10 milhões, flutuações de 1998 a 2002 e um rápido crescimento de 2003 a 2006; R\$ 49 milhões em 2003 e R\$ 416 milhões em 2006, retomando valores percentuais de 1991. É necessário lembrar que uma parte da expansão desses recursos para investimento se deve ao processo de transformação e de instalação de novas Ifes no país. [...] Pode-se verificar que houve, a partir de 1990, uma diminuição substancial nos recursos originários do tesouro nacional com tendência à recuperação nos anos 2004 a 2006, no governo Lula, com a ressalva de que uma parte dos recursos se dirigiu ao financiamento da expansão das Ifes que se consolidou de 2005 para 2006. (AMARAL, 2008, p. 278- 280).

Dessa forma, o ensino superior, que nos anos 90 passou por uma fase de poucos investimentos, a partir do ano de 2003 vivencia uma nova conjuntura, com políticas de acesso à universidade, de expansão do ensino superior e da federalização docente.

Nesse contexto da interiorização e expansão do ensino superior brasileiro está o Campus Catalão da UFG. Ele foi criado em 1983, pela Resolução CCEP Nº 189, de 07 de dezembro de 1983, aprovada em reunião do Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa da UFG, tendo a assinatura da então reitora, professora Maria do Rosário Cassimiro<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Resumidamente, está dito no 1º artigo que fica criado o CAC. No 2º artigo, são elencados os objetivos do CAC que são: possibilitar à Universidade uma participação no processo de desenvolvimento cultural e sócio-econômico local, regional e nacional; oferecer bases físicas, administrativas e técnicas para programas de extensão da Universidade e contribuir com recursos humanos qualificados com a finalidade de propiciar para a

Para além dessa ideia de interiorização e expansão do ensino superior, havia questões políticas no processo de criação do CAC/UFG. De acordo com Silva (2009, p. 65),

[...] deparamos com indicadores de que o processo de implantação do Campus avançado da UFG em Catalão se, por um lado, foi consoante ao movimento das políticas de interiorização da educação superior em nosso País, por outro lado, foi partícipe das disputas partidárias entre os interlocutores políticos da cidade que defendiam o projeto de se ter em Catalão uma faculdade ou um Campus da UFG, que oferecesse curso superior.

O CAC/UFG surgiu das propostas de expansão do ensino superior, já existentes em todo o país, ou seja, da interiorização, e, em Catalão – GO, ele foi alvo de disputas partidárias.

Silva (2009) ainda salienta que:

Dessa feita, a oferta de cursos nos Campi Avançados da UFG, nesse caso, no CAC, dependia dos compromissos firmados nos Convênios celebrados entre a Universidade e a Prefeitura de Catalão. [...] em outubro de 1985 a UFG e prefeitura assinam Termos de Convênios UFG/n. 3485 e 35/85 materializando assim a proposta de implantação de cursos no Campus. Os primeiros convênios de implantação de cursos: foram em 1985: Licenciatura Plena em Letras e Licenciatura Plena em Geografia, e em 1987: Licenciatura Plena em Pedagogia e Licenciatura Plena em Matemática. (SILVA, 2009, p. 76-77 e 100).

A partir dessas negociações, o Campus Catalão começou a oferecer seus cursos a toda população a partir de 1985.

Em 2006, o CAC/UFG recebeu investimentos do governo federal, com o projeto de expansão e o Reuni, e vivenciou um processo de crescimento acelerado no que tange à infraestrutura e demanda de cursos. Atualmente, conta com mais de vinte cursos de graduação e programas de mestrado em diversas áreas.

### **O curso de História em Catalão**

O curso de História foi criado por meio de convênio entre a prefeitura, na gestão do Dr. Aguinaldo Mesquita, e a UFG firmado em 1990, iniciando seus trabalhos e turmas em 1991.

---

região, boas condições para que ela venha a se tornar polo de desenvolvimento. No 3º artigo define-se que o CAC terá diretor, administrador e auxiliares administrativos e serviços.

[...] quem assume a Prefeitura Municipal de Catalão é o Dr. Aguinaldo Gonçalves Mesquita, e em 1989, ele renova os quatro convênios anteriores dando continuidade aos cursos já existentes e implanta o curso de Educação Física e, em 1990 celebra convênio de implantação do curso de História. (SILVA, 2009, p. 100).

O curso de História começou a funcionar como uma extensão do curso de História de Goiânia. Assim, as matrizes curriculares do curso de História de Goiânia eram seguidas pelo curso de História do CAC. Há duas resoluções do período de 1991 a 2004 que fixam o currículo pleno do curso de História de Goiânia e que eram seguidas pelo curso de História da UFG/RC. São elas: Resolução CCEP N° 309 e Resolução N° 395.

#### *Resolução CCEP N° 309*

Data do dia 06 de novembro de 1990, com a assinatura do Reitor Professor Ricardo Freua Bufaiçal. Ela fixa o currículo pleno do curso de História a partir de 1991. Resumidamente, apresenta normatizações técnicas para o funcionamento das disciplinas, tais como: os alunos deverão ter compreensão do processo histórico das sociedades, a defesa da monografia, dentre outros.

O artigo 4º explica a carga horária das disciplinas da seguinte forma:

|                                       |             |
|---------------------------------------|-------------|
| Disciplinas do currículo mínimo ..... | 2.048 horas |
| Disciplinas Complementares .....      | 384 horas   |
| Disciplinas Pedagógicas .....         | 512 horas   |
| Atividades Complementares .....       | 100 horas   |
| TOTAL .....                           | 3.044 horas |

A carga horária das disciplinas direcionadas à formação docente era de 512 horas, menor apenas que a carga horária das disciplinas comuns do curso. E elas eram estudadas no 4º e 5º anos do curso, como podemos ver na grade:

- 4º Ano  
História Contemporânea II  
História do Brasil III  
História da América III  
Psicologia  
Est. E func. Ens. 1º e 2º graus

- 5º Ano  
Didática/Estágio

Historiografia Brasileira  
Monografia

A preocupação primeira do curso era fornecer aos alunos os conhecimentos mínimos necessários, ou seja, conhecimentos teóricos, para depois pensar a prática de ensino do ponto de vista didático, pois as disciplinas destinadas à formação docente eram oferecidas nos últimos dois anos.

*Resolução N° 395*

É datada de 12 de dezembro de 1995, tendo a assinatura do Reitor Professor Ary Monteiro do Espírito Santo. Fixa o currículo pleno do curso de História a partir de 1996. Em linhas gerais, ela explica normatizações técnicas das disciplinas, como a defesa da monografia, o andamento das atividades complementares, carga horária, etc.

Sobre a carga horária das disciplinas, estabelece o seguinte:

|                                       |             |
|---------------------------------------|-------------|
| Disciplinas do Currículo Mínimo ..... | 1.664 horas |
| Disciplinas Complementares .....      | 384 horas   |
| Disciplinas Temáticas .....           | 256 horas   |
| Disciplinas Pedagógicas .....         | 448 horas   |
| Atividades Complementares .....       | 100 horas   |
| TOTAL .....                           | 2.852 horas |

Nesta nova resolução, a partir de 1996, percebemos que a carga horária das disciplinas pedagógicas, que antes era de 512 horas, diminuiu para 448 horas. Porém, na grade vemos, nos primeiros anos, diferentemente da anterior, disciplinas pedagógicas:

- 1º Ano  
Introdução aos Estudos Históricos  
História antiga  
Antropologia  
Sociologia  
Temática I  
Psicologia Educacional
- 2º Ano  
História Medieval  
História Moderna  
História do Brasil I

História da América I  
Teoria da História  
Estrutura e funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus

- 4º Ano

História do Brasil III  
História Contemporânea II  
Monografia  
Temáticas IV  
Didática e Prática de Ensino de História

Talvez, essa diminuição da carga horária das disciplinas pedagógicas possa estar relacionada ao fato da implantação das disciplinas temáticas, que não existiam na resolução anterior.

Outro aspecto dessa resolução, é que o curso de História passa a ser de quatro anos, sendo que antes era de cinco. Possivelmente, o fato de o curso ter um ano a menos do que tinha e possuir as disciplinas temáticas fez com que as disciplinas tivessem que ser reestruturadas, bem como a carga horária.

Mesmo sendo uma extensão de Goiânia, o curso de História da UFG/RC tinha as suas próprias especificidades locais e regionais. O seu alunado, por exemplo, não era semelhante ao de Goiânia. E mais, conforme narrativas de seus professores, em todo esse período de 1991 a 2004, diante das possibilidades existentes, não faltaram esforços para que a formação oferecida pelo curso de História da UFG/RC fosse mais autônoma em relação ao curso de Goiânia.

Nesse contexto é que se inserem os sujeitos da pesquisa, ex-alunas e professores do Curso de História da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

### **A formação em História sob a perspectiva de ex-alunos e professores do curso de História da UFG/RC 1991 a 2004**

#### ***Sílvia***

A decisão de Sílvia pela História nasceu de uma pressuposição. Ela nos disse que tinha que partir “para essas áreas aí né, que não tem muita Química, nem muita Física, que eu não dominava e não domino até hoje muita coisa. [...] Parti para a História pensando que seria um curso mais fácil”. A dificuldade com as exatas abria a imaginação para a possível facilidade com a História. Contudo, percebo que ela sentia uma proximidade com o campo de

conhecimento da História, quando aponta em suas lembranças nomes de professoras de História do ensino fundamental.

A respeito do início do curso de História, Sílvia ressalta em sua narrativa escrita que:

[...] tudo com muita dificuldade, pois trabalhava, cuidava de casa, dos filhos, marido. [...]. Para mim, a faculdade e o curso de História foi um divisor, um marco na minha vida, pois saí de uma rotina do lar onde era completamente submissa a marido e filhos para uma nova realidade onde pude viver mudanças e transformações jamais imaginadas. (Narrativa escrita de Sílvia).

Ela tinha as obrigações domésticas, mas sua rotina, a partir do início do curso de História, alterou-se com estudos e novas aprendizagens. Essas novas aprendizagens com o curso propiciaram à Sílvia, uma nova visão sobre a vida. Ela afirma que não pensava em aprender tantas coisas. O curso de História então se torna palco de novas vivências para Sílvia, como um “mundo novo” a ser descoberto.

Sua monografia foi sobre gênero, mulheres. Talvez, essa escolha possa estar relacionada à sua condição de mulher que estava em busca de mais aprendizagens, novas condições de vida. Além disso, ela ressalta:

Ah, as aulas da Ludmila [...] Ah, eu acho que da Ludmila é pela simplicidade dela, como eram as aulas dela, e vai te levando assim a buscar sempre mais. O Tadeu até hoje eu admiro né, as aulas do Tadeu, que vai para a sala sem nenhum livro na mão e fala, da uma aula ali que!! Eu acho que é o conhecimento que eles tinham, que eles tem né, que eles estão sempre buscando. [...] Ah, a Ludmila, a simplicidade, sei lá, muito boa, muito amiga! (Entrevista realizada com a ex-aluna Sílvia no dia 22 de janeiro de 2014).

Entendo que, para Sílvia, as atitudes dos professores, no caso da Professora Ludmila e do Professor Tadeu, foram essenciais em sua formação. Sílvia destaca o trabalho dos docentes como algo importante no curso e também para a sua formação.

O processo de formação de Sílvia foi marcado por escolhas que miravam o desejo de uma nova vida. Ressalto, também, em sua narrativa, as boas lembranças sobre os professores.

### ***Isabela***

Isabela começa o curso de História em 1993:

Eu lembro que uma vez, eu não tinha noção do que era um fichamento de texto. Gente, isso para mim, eu enlouqueci, eu vou largar esse curso por

causa de um fichamento. E a carga de leitura era muito grande, praticamente quase que eu não dava conta de tanta coisa que era e que era novo para nós né. [...] era uma turma acho que tinha uns vinte e poucos alunos. Depois terminou com doze, mas assim, tinha pessoas mais velhas também que estavam retornando, aí não sei se assim, a gente se envolvia com as dificuldades deles também, delas né que eram professoras, elas já eram professoras há muitos anos. (Entrevista realizada com a ex-aluna Isabela no dia 03 de fevereiro de 2014).

Para ela, as atividades de fichamento e leituras carregavam um peso enorme devido às dificuldades em executá-las. Isso me faz pensar que as leituras e trabalhos eram frequentes, apesar da inexperiência dos alunos com o trato da leitura e escrita.

Outro elemento que Isabela destaca é: “[...] a gente sofreu essa mudança aí de pensamento né, de forma de pensar História. Antes, ela era muito política, depois ela ficou muito cultural, então para nós foi um choque. [...] foi muito para nossa cabeça na época. [...] Superou, superamos.” (Entrevista realizada com a ex-aluna Isabela no dia 03 de fevereiro de 2014).

A diferença de perspectiva teórica no curso foi algo difícil para Isabela e seus colegas. Posso inferir, a partir disso, que essa mudança ocorreu devido à entrada de novos professores, que possuíam formação e pensamento diferentes dos demais. Ou seja, havia no curso professores que tinham uma perspectiva teórica mais política, voltada para uma História política. E que, com o processo de crescimento do curso, chegaram novos professores que pensavam a História por meio de uma perspectiva cultural.

A formação do curso não foi mais a mesma, pois novos objetos de pesquisas com concepções culturais foram surgindo. A história política foi dando espaço para uma História mais cultural. E essa mudança pode ter sido difícil no momento, como mencionou Isabela.

Ela destaca também duas professoras do curso que foram importantes em sua formação: “A Emília, a gente foi iluminado por ela né, a Ludmila; gente a Ludmila, aliás, a Ludmila foi fundamental no meu estágio, eu acho que o que me iluminou muito assim foram as aulas dela enquanto orientadora do estágio”. Ludmila foi professora de estágio e Emília foi sua orientadora da monografia, em que ela pesquisou sobre o trabalho “de mão” de mulheres fiandeiras.

A formação superior foi composta por mudanças teóricas no curso, dificuldades com as tarefas e também por professores marcantes que a auxiliaram em momentos como estágio e monografia, como as professoras Ludmila e Emília.

Dessa feita, entendo que Isabela concebe a sua formação em História como um momento de novas aprendizagens, em meio a diferenças teóricas. Uma formação com

professores que estavam começando no curso, que traziam novos olhares. E isso, no começo, foi algo difícil, mas logo foi superado.

### *Lia*

A escolha de Lia pela História se caracteriza também pela facilidade em estudar em Catalão, pois era difícil em outra cidade. Além disso, ela era muito jovem para ficar fora de casa e ir morar em outra cidade naquele momento.

O curso de História não era sua primeira opção, e sim o Direito. E, dentre as opções de cursos oferecidos pela UFG/RC, História era a opção que Lia mais gostava. Porém, ela afirma que queria fazer o curso de Direito e que não pensava em ser professora.

Entendemos que a opção pelo curso de Direito possa estar relacionada ao fato deste ser um curso que pode oferecer *status* e melhores salários. Assim, estudar Direito significava melhores condições financeiras para Lia. Ela não detalhou muito sobre isso, todavia, essa talvez seja a explicação pelo anseio pelo curso de Direito.

Sobre o início do curso de História, Lia diz:

Então assim, foi muito difícil o processo inicial porque aí quando vieram as primeiras notas, então meu Deus, como era difícil chegar naquela média, na época sete, sete e meio, alguma coisa assim. Então assim foi muito difícil, foi doido o primeiro momento ali. [...] acho que a gente ficava o bimestre inteiro trabalhando aquele sete, não sei se era sete, sete e meio. [...] Como era difícil aquilo meu Deus! Quando eu via um três, três e meio, era!! Mas assim consegui, mas achei muito difícil. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014).

Ela era boa aluna, pois se preocupava em tirar notas boas. O fato dela e seus colegas ficarem preocupados com notas todo o bimestre indica que os professores eram exigentes.

Ainda sobre o curso de História, Lia explica:

Nós éramos muitas mulheres e a gente conversava demais da conta. Nossa gente! O Célio às vezes, ele queria colocar todo mundo para ir passear. [...], mas nos momentos que a gente estava ali realmente é um encantamento muito grande. Eu lembro assim, eu tive mais aproximação com a Emília então assim, eu achava, eu via um encantamento muito grande com relação na época, ela estava muito envolvida com as questões políticas. Eu via na Ludmila um encantamento, um dia eu lembro que ela chegou a chorar na sala de aula porque eu acho que a turma não estava respondendo a um anseio dela. Então assim, eu passei muito por esse processo de encantamento com a História. (Entrevista realizada com a ex-aluna Lia no dia 12 de fevereiro de 2014).

Isso significa dizer que a turma não estava respondendo aos anseios da professora? Apesar de Lia não explicitar muito sobre isso, podemos entendemos que a professora Ludmila estava tentando explicar o conteúdo e a turma não estava adotando o comportamento adequado.

Em sua monografia, ela afirma que pesquisou acerca da Política em Catalão na década de 1930 e 1940.

Lia destaca dificuldades em tirar boas notas. Mesmo assim, sua formação superior é encarada com um encantamento. Encantamento relacionado, provavelmente, às novas aprendizagens e descobertas que ela teve ao longo do curso. Ou seja, como um momento de encontro com um novo ofício em sua vida.

### ***Professora-formadora Luana***

Na narrativa de Luana, vimos também seu destaque para a importância de seus professores, especialmente os de História, pela sua postura intelectual e política.

Ela se sentiu dividida entre História e Direito. Sua primeira opção era o curso de Direito. Assim como Lia, Luana queria cursar Direito. E esse anseio pode estar relacionado à sua postura ativa na sociedade e ao seu ideal de justiça, pois ela afirma que, mesmo jovem, participava das questões sociais de sua cidade.

Suas pesquisas de mestrado e doutorado focaram no estudo sobre o trabalho e o trabalhador. Luana chegou como professora do Curso de História em Catalão quando a primeira turma estava no quarto período.

O curso funcionava assim de uma maneira, vamos dizer assim; ele estava começando a se estruturar. E como essas idas e vindas de professores, dificultava um pouco um projeto mais sistemático de curso. Nesse momento que eu chego é que chega um grupo de pessoas que acabam ficando mais definitivamente aqui [...] e a gente fixou mais e conseguiu dar uma diretriz para o curso. Naquele tempo a gente não tinha essa coisa de plano político-pedagógico próprio, a gente seguia a grade curricular do curso de Goiânia. A gente era uma extensão, uma segunda turma do curso de Goiânia. (Entrevista com a professora-formadora Luana no dia 13 de março de 2014).

O momento da chegada de Luana coincide com a de outros professores, que passaram a permanecer mais tempo na UFG/RC. Esta convivência mais acentuada devido à menor rotatividade dos professores possibilita pensar o curso com maior constância:

À medida que a gente foi se solidificando, os professores foram terminando os mestrados, os doutorados, a gente foi obviamente estabelecendo um projeto de curso, uma perspectiva de diálogo. No início, a gente tinha bastante conflito porque a gente tinha dois grupos distintos dentro do curso. E alguns dos elementos eram mais atritantes. Então a gente tinha assim alguns conflitos entre essa coisa da História cultural e as perspectivas mais marxistas. (Entrevista com a professora-formadora Luana no dia 13 de março de 2014).

Esta fala de Luana nos lembra a de Isabela, anteriormente citada, ou seja, o conflito entre tendências marxistas e culturais na formação dos alunos, bem como nas concepções de História de seus professores. Essas diferenças teóricas fazem parte da Ciência História. Isso porque a História não é uma ciência homogênea, caracterizada apenas por uma visão. E os novos professores tinham uma maneira diferenciada de pensar a História. Interpondo-se, portanto, concepções marxistas e culturalistas.

Outro elemento que destaco aqui é o fato dos professores do curso seguirem o currículo do Curso de História de Goiânia, fazendo com que curso no CAC/UFG fosse visto como extensão de Goiânia.

### ***Professora-formadora Renata***

Observo que a opção de Renata pela História ocorreu por influência das relações de amizade, bem como pela aproximação com a área de humanas:

Eu fiz opção por História. Fiz a opção muito assim pensando quais os meus amigos que iam fazer História e quais aqueles que iam fazer Geografia, e um pouco, seguia a onda. Porque eu também gostava muito de Geografia, eu também achava muito legal. [...] eu sempre fui muito ligada assim, essa coisa da amizade, foi um fator importante, [...] porque eu acho também, eu tinha mais tendência mesmo para a História, mas eu gostava também muito de Geografia, achava muito legal, mas eu não gostava de Geografia Física, não era muito a minha praia, eu gostava mais da Geografia Humana e aí eu pensei acho que a História vai ter mais haver comigo no conjunto né, na somatória. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

Sua pesquisa de mestrado em História na PUC-SP foi sobre o Rádio. E a do doutorado em Semiótica, também na PUC-SP, sobre Crônicas. Isso demarca uma formação no campo da história cultural:

E aí, eu acho que eu juntei um pouco essa coisa da discussão da Cultura que eu estava já fazendo desde a graduação. [...] e aí fui trabalhar com rádio. E

também, as suas escolhas também, elas têm um lado emotivo, tem um lado muito pessoal [...], pesquisar o rádio também foi uma forma, eu acho que assim, de aproximação daquilo que eu vivi um pouco com o meu pai, mas foi uma pesquisa também, difícil. [...] O meu doutorado foi muito, muito bacana, muito diferente do que foi o mestrado. Foi muito tranquilo, eu terminei antes do prazo. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

Nesse contexto de consolidação de carreira e busca por oportunidades, Renata faz concurso para professor substituto no curso de História da UFG/RC em 1995, com seu mestrado já concluído, e é aprovada. Sobre esse início no curso, entre os anos de 1991 a 2004, ela explica:

Aqui eu encontrei uma autonomia muito maior de trabalho. E naquela época, você<sup>11</sup> lembra bem né! A gente era muito mais junto, as licenciaturas. E era um grupo muito unido, muito interdisciplinar. E isso foi o que eu gostei aqui. Isso foi a coisa que mais me chamou a atenção aqui. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

A convivência destacada pela professora Luana se confirma também no relato de Renata. Especialmente, o clima de interdisciplinaridade.

Renata salienta a precariedade do curso na época:

Era tudo muito precário assim, em termos de espaço físico, até assim de material, de recurso, a gente não tinha nada. Eu sempre lembro disso. [...] E papel, a gente assim, comprava uma resma ali e dividia (risos). Porque era difícil assim, mal tinha papel para essa parte mais administrativa, imagina para fazer um ofício! Era uma dificuldade tremenda. É uma coisa que às vezes a gente conta e ninguém acredita dentro da universidade. (Entrevista realizada com a professora-formadora Renata no dia 26 de março de 2014).

Apesar da precariedade da infraestrutura física e financeira, para Renata a interdisciplinaridade e a convivência próxima com colegas estimulavam todos ao trabalho acadêmico. É provável que esta convivência estimulasse também o apetite pelo aperfeiçoamento da formação dos futuros licenciados em História.

### ***Professor-formador Israel***

No final de 1995, Israel decidiu fazer concurso para professor no curso de História do CAC/UFG e foi aprovado, começando suas aulas em 1996. Ele relata a respeito do curso

---

<sup>11</sup> Referindo-se ao professor Wolney, quem realizou a entrevista.

de 1991 a 2004: “a hora que eu cheguei para a sala da aula como professor, que eu olhava assim né, que a grande maioria queria só pegar o diploma para aposentar com um salário melhor foi um pouco impactante”. Segundo o que ele nos conta, o alunado era composto por alunos mais velhos, com certa experiência profissional, e que já estavam quase aposentando. Isso para Israel causou estranhamento, pois, ao que parece, ele talvez estivesse esperando encontrar alunos mais jovens.

Sobre as condições materiais do curso ele afirma:

E na época ainda estava começando a reforma, em 1996, ainda era velho, tudo mal cuidado. Então foi um susto muito grande. Eu brinco até hoje, que o primeiro ofício não manuscrito do curso de História foi datilografado na minha máquina de escrever que eu trazia de casa. (Entrevista com o professor-formador Israel realizada no dia 31 de março de 2014).

Israel levava sua própria máquina de escrever para o trabalho, porque o curso não dispunha deste recurso. Renata também salientou em sua fala as dificuldades enfrentadas pelo curso em seu início. Tudo indica que o curso de História em Catalão não recebia investimento como o de Goiânia.

### ***Professora-formadora Elisa***

Elisa compreende a sua formação superior como um momento de grandes transformações pessoais. Ela ressalta leituras de Karl Marx como um momento de uma nova consciência. Ela se descobre historiadora e trabalhadora. Os textos de Marx foram um aspecto importante no processo de formação de Elisa, pois, por meio deles, ela adquiriu nova consciência enquanto cidadã trabalhadora, indo para o PT e para o movimento estudantil. Ou seja, através da leitura daquele autor, os espaços formativos de Elisa se estendem para a política e os movimentos sociais.

Em 1993, surge o concurso para professor no CAC/UFG e Elisa, na busca por novas oportunidades profissionais, fez o concurso e foi aprovada. Acerca do curso de História de 1991 a 2004, ela afirma:

Você tinha um grupo que era o grupo de pessoas que já estavam na docência há muitos anos. Pessoas mais velhas que queriam ter acesso ao ensino superior para se aposentar com um salário um pouco melhor [...] Então você tem esse grupo de pessoas mais velhas, majoritariamente mulheres que vêm para cá ter acesso ao diploma, que já estão em sala de aula né e que tinha pouca disponibilidade para enfrentar algumas questões da História e que nós

também não tínhamos a sensibilidade necessária para lidar com essas pessoas [...] e pessoas mais jovens, que essas sim, vinham pela História, pela formação. (Entrevista realizada com a professora-formadora Elisa no dia 08 de abril de 2014).

Elisa confirma o que outros professores/formadores disseram anteriormente, ou seja, a clientela do curso naquele período era constituída por alunos mais velhos, experientes e com finalidades diferentes, ora para terem seus acessos de cargo na carreira, ora pelo gosto e crescimento na carreira acadêmica. E, pelo que ela afirma, era necessária uma sensibilidade para lidar com alunos já profissionais.

Além disso, Elisa diz sobre as perspectivas teóricas que havia no curso: “Eu acho que é a questão que permanece até hoje né! É a história social versus histórica cultural”.

Há três elementos importantes relacionados à concepção de formação das ex-alunas e professores do curso de História do CAC/UFG: o processo de formação ao longo da vida; o processo de formação institucional; e a formação em exercício do trabalho docente, no dia a dia da sala de aula.

Ao longo da vida, há pessoas significativas, como amigos e familiares. Como é o caso de Sílvia, que estudou nas escolas de referência em Catalão, mas que não as valorizou e seu pai a mandou estudar em escola pública. Já Israel, seus pais não o deixavam brincar sem antes estudar e fazer o dever de casa. Os pais de Luana conheciam os seus professores e seus colegas. Já para Renata, a irmã é quem foi significativa em sua formação, pois a ensinou a ler e escrever. As aprendizagens foram tecidas com momentos felizes, marcados pelos anseios por uma nova vida, pelo gosto pela História, pela busca por novas aprendizagens e boas condições profissionais. Para Isabela, o seu marido apoiou a sua volta aos estudos. Com sua filha começando a escolarização, ela faz o curso de História, com o apoio de sua família, passando a viver a rotina de mãe, esposa e estudante de História. Seu marido foi um incentivador dos estudos dela.

A formação profissional, especificamente a formação no ensino superior, acompanhada por dificuldades financeiras, bem como pelas lembranças dos bons professores pintam imagens importantes em suas memórias. A maioria deles trabalhava enquanto se formava na universidade. Além disso, as amizades são elementos de destaque na formação superior, a união com os colegas, a ajuda nos momentos de trabalhos e provas.

A prática da sala de aula é outro elemento que configura concepções de formação. O curso de História do CAC/UFG é um lugar convergente das histórias de vida desses sujeitos. Ele é tido aqui como uma intersecção em suas vidas. Mas, na dimensão dos egressos, bem

como dos professores formadores, outras aprendizagens vieram, seja através dos cursos de pós-graduação, do ensino na sala de aula, ou da pesquisa científica.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto ao longo do trabalho, o processo de formação se constitui por um conjunto das vivências, aprendizagens, transformações, experiências, interações e escolhas que o sujeito estabelece em relação a si mesmo e no meio em que vive. Falar do processo de formação é falar, então, das experiências que o sujeito viveu, das trocas e aprendizagens estabelecidas com outras pessoas, seja na família, Igreja, trabalho, movimentos sociais, dentre outros.

Refletir acerca do processo de formação é refletir sobre o que de fato foi importante em nossa formação, sobre as escolhas e vivências que estão relacionadas à nossa identidade pessoal e profissional.

A formação é um processo que acontece ao longo da vida. Em cada época, ambiente, com cada experiência e transformação, o indivíduo pode aprender coisas novas.

Segundo Josso (2010, p. 313):

A formação resulta de um processo que justapõe ou articula experiências de vida. Essas experiências são atividades específicas, encontros ou relações, situações e acontecimentos emocionalmente fortes que constituem pretextos de aprendizagens e não existe regra que permita associar certas vivências com certas aprendizagens.

Cada uma de nossas narradoras detalhou suas experiências formativas. As histórias de vida, enquanto uma corrente metodológica entrelaçada às correntes do biográfico e do autobiográfico, auxiliaram na compreensão do processo de formação dos nossos sujeitos de pesquisa. Nelas, acessamos os significados que o sujeito estabelece a respeito do que foi importante em suas experiências de formação. Nas histórias de vida, o sujeito está no centro das discussões e da pesquisa. E a sua subjetividade é fator de discussão e produção de conhecimento. Ou seja, o conhecimento é produzido conforme as experiências do sujeito.

No que tange ao professor, ele é um sujeito em que o seu processo de formação vai sendo gestado não somente na sala de aula, mas em todas as suas vivências, escolhas, trocas e experiências ao longo de sua vida e que, de certa forma, são constitutivos de sua identidade docente.

O processo de formação dos sujeitos da pesquisa, ex-alunas e professores-formadores do curso de História da UFG/RC, foi tecido com vivências, escolhas e experiências gestadas no ambiente familiar, na escola, no trabalho, na universidade e na Igreja.

Um item que consideramos fundamental na formação do professor de História é o aprendizado da consciência histórica. É verdade que em todas as licenciaturas a formação do professor deva pautar-se também pelo exercício de pensar a vida, o indivíduo e a sociedade com mais justiça, cidadania e democracia. Porém, no processo de formação do professor de História, talvez por lidar mais direta e proximamente com a História, a consciência histórica emerge como elemento fundante na sua formação. A cada aula, com cada texto, o aluno, futuro professor, não só toma consciência de que a História é uma ciência importante, como também que todos nós somos cidadãos, que nós temos e fazemos a nossa história.

O ambiente familiar é onde vão adquirindo as primeiras experiências formativas, aprendendo o valor da família, da amizade e dos estudos. Os pais são aqueles que incentivam os estudos, como os pais de Sílvia, que a matricularam nas melhores escolas de Catalão. E são rígidos também, como os pais de Israel, que não deixavam ele e os irmãos brincarem enquanto não fizessem o dever de casa.

O marido também é uma figura familiar presente. Sílvia teve desentendimentos com seu marido e, hoje, com seu trabalho de professora ajuda nas despesas de casa. Já Isabela sempre contou com o apoio de seu marido para voltar a estudar.

Os irmãos também são presentes no processo de formação. Como o caso de Renata, em que a alfabetizou em casa e, quando ela ingressou na escola, já estava alfabetizada.

A infância é apontada como um momento feliz, de brincadeiras como escolinha, adedonha, pegador, de programas infantis como a Vila Sésamo, dentre outras.

A adolescência e a juventude são momentos de escolhas pessoais e profissionais. Sílvia se casa com 16 anos. Isabela também se casa jovem. Elisa decide mudar de cidade, pois queria mais independência e, com isso, passa a residir em Uberlândia. Israel também se muda para Goiânia para trabalhar e estudar. Assim, as escolhas se remetem ao anseio por uma nova vida, seja familiar ou profissional.

As dificuldades no momento da formação são de cunho financeiro e de mudanças para outra cidade. Como Renata, que tinha dificuldades com a compra do material escolar. E Luana, que não tinha condições de se mudar para outra cidade para estudar.

O trabalho também é ressaltado como um elemento presente e importante no processo de formação dos sujeitos pesquisados. Eles começaram a trabalhar desde jovens. Renata trabalhou como babá e vendedora. Elisa trabalhou em uma loja de material elétrico e, Luana, em uma construtora.

A opção pelo curso de História veio pelo gosto da disciplina e pela influência de professores queridos e da família. Luana afirmava que queria fazer Direito, talvez pela postura ativa e social que tinha em sua cidade. No entanto, pelas dificuldades de estudar em outra cidade, ela opta pelo curso de História, pois gostava da disciplina e havia tido bons professores desta disciplina na escola.

Lia também queria fazer o curso de Direito, talvez por ser um curso que oferecia mais *status* social e melhores remunerações. Porém, ela opta pelo curso de História porque era o que ela mais gostava na UFG, Regional Catalão. Já Isabela escolhe o curso de História por este ser de manhã, portanto, não iria ser problema para a sua rotina de mãe e esposa.

Elisa queria cursar Filosofia, no entanto, não havia tal curso na região e ela escolhe História por acreditar que ele era o que mais se aproximava da Filosofia. Mas, ela afirma que teve boas professoras de História, das quais ela gostava muito. O curso de História foi uma opção tecida pelo gosto pela disciplina e pela influência de bons professores, o que deve ter prevalecido no momento do vestibular.

Em relação aos professores, o trabalho no curso de História na UFG Regional Catalão surgiu como uma boa oportunidade de emprego e consolidação na carreira.

Sobre a concepção de formação em História, eles apresentam dificuldades com a obtenção de notas e dificuldades quanto aos textos. Lia expõe que era muito difícil atingir a média. Já Isabela apresenta dificuldades com os trabalhos, tais como a dificuldade de fazer fichamento.

As diferenças teóricas são explicitadas também. Luana esclarece acerca das diferenças teóricas por parte dos professores, em que uns adotavam uma concepção teórica mais social com viés marxista e, outros, uma concepção teórica mais cultural.

Sabemos que a História é uma ciência que não apresenta apenas uma visão. Essas diferenças teóricas são comuns e estiveram presentes também no curso de História da UFG, Regional Catalão.

Todos eles são sujeitos aprendentes que até hoje, seja na família, no trabalho na sala de aula, na universidade, buscam aprender, mesmo quando ensinam. Suas histórias de vida nos auxiliam a compreender que a formação deles ainda continua, com determinação e a busca por mais conhecimento.

Ao narrar seu processo de formação, eles puderam rever tudo aquilo que foi de fato importante na vida deles. Josso (2010, p. 300. Destaques da autora) afirma que:

As histórias de formação são, sem sombra de dúvida, uma das mediações possíveis para redescobrir essas dimensões “esquecidas”, para mostrar como é que elas continuam a estar vivas dentro de nós, como alimentam o nosso “ganhar forma”, para as reinvestirmos conscientemente como tantas outras vias possíveis de interpretação da significação da nossa existência e da direção que entendemos dar à nossa busca de uma arte de viver em ligação e partilha.

Acreditamos que, ao narrar o seu processo de formação, as ex-alunas e professores-formadores tiveram a oportunidade de lembrar fatos esquecidos que foram significativos para a sua formação e que ainda continuam presentes.

Enfim, ao tratar das histórias de vida das ex-alunas e dos professores do curso de História, eu também pude tecer um olhar para mim mesma e rever fatos importantes em minha formação, como a minha família, amigos, professores, as aprendizagens reflexivas adquiridas com o curso de História.

As nossas vidas são assim, uma constante aprendizagem!

## REFERÊNCIAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida, **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n.1, p. 177-197, jan/abr., 2006.

AMARAL, Nelson Cardoso. Financiamento da Educação Superior no Brasil: gastos com as Ifes – de Fernando Collor a Luiz Inácio Lula da Silva. In: BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de e MOROSINI, Marília (orgs.) **Educação Superior no Brasil: 10 anos pós – LDB**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008, p. 257-282.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e Processos de Escolarização: uma abordagem cultural**. 2008. 257f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BLANCH, Joan Pagés. La formación del profesorado de historia y ciencias sociales para la práctica reflexiva. **Nuevas dimensiones Revista electrónica de Didáctica de las Ciencias Sociales**, n 3, p. 5- 14, 2012.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptiste. Portugal: Porto Editora, 1999. Coleção Ciências da Educação.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

\_\_\_\_\_. Pesquisa-formação e histórias de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teórico-metodológicas. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, vol. 2, n 2, p. 37-48, agosto/dezembro, 2009.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica, **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.157-164, maio/agosto, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 1-9, janeiro/dezembro, 1997.

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, Antonio e FINGER, Matthias (orgs). **O Método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 190-222.

\_\_\_\_\_. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, Antonio e FINGER, Matthias (orgs). **O Método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p.144-153.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968, **Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n. 28, p.17-36, 2006.

FERNÁNDEZ, Alicia Gurdíán. **El Paradigma cualitativo en la investigación sócio-educativa**. Coordinación Educativa y cultural Centroamericana (CECC), Agencia española de cooperación internacional (AECI), Colección Investigación y desarrollo educativo regional (IDER), San José, Costa Rica, 2007.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ser professor no Brasil: História oral de vida**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. O prazer de viver e ensinar História. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (org.). **Como me fiz professora**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 113-136.

\_\_\_\_\_. A constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de História na educação básica. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C.; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, pág. 149-156.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 1-16, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto alegre, RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, setembro/dezembro, 2007.

\_\_\_\_\_. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Coordenação de Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

\_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira. Revisão científica de Maria da Conceição Passeggi, Marie Christine Josso. 2 ed. revisada e ampliada. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINS, Carlos Benedito. O ensino superior brasileiro nos anos 90. **Revista São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 41-60, janeiro/março, 2000. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=50102-88392000000100006&ing=PT&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=50102-88392000000100006&ing=PT&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 12/09/14.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (org.) **Vida de professores**. 2 ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007. p. 111- 140.

MOMBERGER, Christine Delory. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v.17, n.51, p. 523-536, setembro/dezembro, 2012.

NASCIMENTO, Nivia Margaret Rosa. **O desenvolvimento profissional de professores: a arte de inventar-se e fazer história, mediante narrativas autobiográficas.** 2011. 177 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2011.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio (org.) **Vida de professores.** 2 ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007. p. 11-30.

\_\_\_\_\_. Formação de professores e profissão docente. In: **Repositório da Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCE).** 1992. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em 23/05/13.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e pesquisa.** São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/agosto, 2006.

QUEIROZ, Paulo Pires de. A pesquisa e o ensino de História: espaços/processos de construção de identidade profissional. In: NIKITIUK, Sônia (org.) **Repensando o ensino de História.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 103-121.

SILVA, Maria José da. **A História do Campus Catalão da UFG: 1983-2002.** Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2009.

SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e adultos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora.** São Paulo: Cortez, 1991.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: **Revista Educação em Questão.** Natal, v. 25, n.11, p. 22-39, janeiro/abril, 2006.

\_\_\_\_\_. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. **Salto para o futuro.** Rio de Janeiro, p. 15-24, 2007. Secretaria de educação à distância, MEC.

\_\_\_\_\_. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação,** Porto alegre, v.34, n.2, p. 213-220, maio/agosto, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de; ALMEIDA, Joselito Brito de. Memórias de educadores baianos: semelhanças e diferenças na constituição da vida na/da escola. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição e VICENTINI, Paula Perin (org.) **Pesquisa (Auto) Biográfica: Trajetórias de formação e profissionalização.** 1ª Edição. Curitiba, PR: CVR, 2013, p. 41-57.

SOUZA, Elizeu Clementino de; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. Entre fios e teias de formação: escolarização, profissão e trabalho docente em escola rural. **Pesquisa (Auto) Biográfica: Questões de ensino e formação.** 1 ed. Curitiba, PR: CVR, 2013, p. 131-148.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Resolução CCEP N° 189.** Cria o Campus Avançado de Catalão e dá outras providências. Goiânia. 1983. Disponível em: [https://sistemas.ufg.br/consultas\\_publicas/resoluções/arquivo/Resolucao\\_CEPEC\\_1983\\_0189.pdf](https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resoluções/arquivo/Resolucao_CEPEC_1983_0189.pdf). Acesso em 28/01/15.

\_\_\_\_\_. **Resolução CCEP N° 309.** Fixa o currículo pleno do curso de História-Licenciatura-Bacharelado, para os alunos que ingressarem a partir de 1991 e dá outras providências. Goiânia, Goiás. 1990. Disponível em [http://sistemas.ufg.br/consultaspublicas/resoluções/arquivos/resolução CEPEC19900309.pdf](http://sistemas.ufg.br/consultaspublicas/resoluções/arquivos/resolução_CEPEC19900309.pdf). Acesso em 18/06/14.

\_\_\_\_\_. **Resolução N° 395.** Fixa o novo currículo pleno do curso de História- Bacharelado e Licenciatura para os alunos que ingressarem a partir de 1996 e dá outras providências. Goiânia, Goiás. 1995. Disponível em <http://sistemas.ufg.br/consultaspublicas/resoluções/arquivos/resoluçãoCEPEC19950395.pdf>. Acesso em 18/06/14.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CATALÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA



NEPEDUCA:  
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CATALÃO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Sr.(a) Professor

Meu nome é Wolney Honório Filho, Professor Associado do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão e líder do NEPEDUCA – Núcleo de Pesquisa em Educação de Catalão. Nesta instituição, estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa e extensão intitulado “Experiências de vida e formação docente em Goiás”, que busca resgatar a memória educacional no Estado de Goiás. Para tanto, entrevistaremos professores(as) e ex-professores(as) desta e outras regiões do Estado de Goiás, tendo em vista colher depoimentos, histórias de vida, através de gravação de entrevistas, visando combater o esquecimento e valorizar as histórias de professores dessa região.

O conselho de ética em pesquisa com seres humanos estabelece que qualquer participação de pessoas em pesquisa seja feita com autorização por escrito dos mesmos, ou seus responsáveis. Nesse sentido, pedimos sua autorização e colaboração com o nosso trabalho. Garantimos que esta ação não acarretará prejuízo ou desconforto para vossa senhoria.

Esclarecemos ainda, que os encontros têm por objetivo promover situações que possibilitem descolar as memórias, construindo outras vozes do passado educacional em Goiás. O material coletado poderá ser utilizado para ilustração e exemplificação em apresentações de trabalhos em eventos acadêmicos/científicos/artísticos. É nossa intenção também criar um acervo audiovisual que sirva como subsídios para futuras pesquisas em nosso país.

Colocamo-nos a inteira disposição para maiores esclarecimentos, na Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão e ainda nos telefones (64) 3441 5308; (64) 3441 5366; e, desde já, antecipamos agradecimentos.

Atenciosamente.

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Wolney Honório Filho CAC/UFG

Espaço para os(as) Professores(as)

Eu \_\_\_\_\_ aceito

participar do seu projeto de pesquisa como voluntário(a) e autorizo a divulgação de todo material por mim cedido em sua pesquisa e demais trabalhos acadêmicos/científicos/artísticos.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

## **Roteiro para as entrevistas**

**Aluna: Michele Ferreira da Silva**

**Professor: Dr. Wolney Honório Filho**

### **Identificação**

- Nome
- Onde nasceu e quando nasceu
- Nome dos pais
- Quando começou a estudar e onde?
- Estado civil

### **Como chegaram a ser professoras de história**

- Já pensava em ser professora? Alguém, alguma professora, te influenciou a se tornar professora?
- Você pensou em fazer outro curso? Qual? Por que não fez?
- O que a fez escolher fazer o curso de bacharelado e licenciatura em história?
- Quando começou e quando terminou o curso de história?
- Depois de se formar em história, como conseguiu emprego de professora de história? Onde e quando foi?
- Como foi o começo da carreira docente?

### **Processo de formação**

- Onde começou seus estudos? Com que idade?
- O que aconteceu na sua vida que foi importante para a sua formação?
- A escola foi importante na sua vida? Por quê?
- quando começou a se interessar por História? Por quê?
- o que foi importante no ensino fundamental e médio para a sua formação?
- você foi estudioso(a)?
- O que foi importante e o que não foi importante na sua formação?

### **Processo de profissionalização**

- Como foi o início do curso de história? Foi fácil? Difícil? Por quê?

- Como foi a sua convivência com seus colegas e professores?
  - Quais elementos do curso de história te marcaram e que te propiciaram a buscar ser uma boa professora de história?
  - O que você não gostou no curso de história?
  - Você se considera uma boa professora de História?
  - O que você estudou depois da graduação em história?
  - Quais problemas você enfrenta nas suas aulas, na sua profissão?
  - Quais perspectivas você tem para o seu futuro enquanto professora e profissional da educação?
  - Como você avalia a profissão de professor atualmente?
- Você estaria disposta a conversar conosco outra vez?

**Universidade Federal de Goiás- Campus Catalão**

**Mestrado em Educação**

**Professor: Dr. Wolney Honório Filho**

**Aluna: Michele Ferreira da Silva**

**Roteiro para as entrevistas com os (as) professores (as) do curso de História da  
UFG/CAC**

**Identificação**

- Nome completo
- Onde e quando se formou em História?
- Onde e quando fez o mestrado e o doutorado?
- O que você pesquisou no mestrado e no doutorado?

**Chegada na UFG Catalão**

- Quando você começou a trabalhar na UFG Catalão?
- Você fez concurso ou foi contrato temporário?
- Por que você escolheu vir trabalhar na UFG Catalão?
- Quando você começou a dar aula no curso de História, você já tinha concluído o mestrado e o doutorado?
- Você já deu aula em outros cursos?
- Hoje você é professora efetiva da UFG Catalão? Qual categoria adjunta, associada, titular?
- Como é sua relação com os alunos e os colegas?

**Sobre o curso de História nos anos de 1991 a 2004**

- Como era o curso de História quando você começou em termos de estrutura física e pedagógica?
- O que você gostava mais no curso de História nesse período de 1991 a 2004? E o que não gostava?

- Em sua opinião, quais as principais dificuldades que o curso de História enfrentava nesse período? E o que havia de bom?
- Você acredita que a parte da licenciatura era mal vista em relação à parte do bacharelado por parte dos alunos e dos seus colegas nesse período?
- O que havia no curso de História nesse período de 1991 a 2004 que você considera importante para a formação e profissionalização de professores de História?
- O que era proposto pelo curso de História para a formação e profissionalização de professores de História nos anos de 1991 a 2004 em termos metodológicos, pedagógicos, didáticos que você se lembra?
- Como você avalia a formação e a profissionalização oferecida pelo curso de História entre os anos de 1991 a 2004?
- Quais os momentos mais marcantes ocorridos no curso de História nesse período de 1991 a 2004 no que diz respeito à formação e profissionalização de professores que você compreende como importante?
- A partir de 2005 o curso de História passou a ser semestral. Como você avalia isso?
- Você acredita que há na diferença na formação e profissionalização de professores oferecida pelo curso de História entre o regime anual e semestral? Se sim quais?

Você estaria disposta a conversar conosco outra vez?